



POBREZA NO MUNDO



21 DE FEVEREIRO DE 2024
29920- BEATRIZ GOMES 36807- SARA AZEVEDO

Conteúdo

Pobreza no mundo	1
Definição de pobreza	1
Estatísticas globais de pobreza	1
Causas da pobreza no mundo	1
Impacto da pobreza na sociedade	2
Programas e políticas de combate à pobreza	3
Organizações internacionais envolvidas na luta contra a pobreza	4
Dia Internacional da Erradicação da Pobreza	6
Sucesso e falhas na redução da pobreza	7
Progressos Significativos	7
Desafios persistem	8
O papel da educação na superação da pobreza	9
Desafios enfrentados pelos pobres.....	9
Insegurança Alimentar	10
Acesso a Cuidados de Saúde	11
Pobreza em Portugal.....	12
Educação, moradia, água	13
Educação, moradia, água	16
Países de língua portuguesa.....	18
Índia, Nigéria e África do Sul	19
Problemas a serem enfrentados	21
Exemplos de combate à pobreza	22
Crianças mais pobres em algumas regiões	23
Consequências do conflito na Ucrânia.....	25
O avanço global na redução da pobreza extrema está estagnado	26
Medição da Pobreza no Brasil.....	30
Causas da pobreza.....	31
Consequências da pobreza.....	31
Eliminação da pobreza	31
Desenvolvimento econômico.....	33
Outras abordagens.....	34
Debates sobre a pobreza	34
Pobreza e religião.....	35

Pobreza ou miséria.....	36
1,3 bilhão de pessoas vivem na pobreza; grupos étnicos e mulheres são os mais afetados .	36
Lusofonia	37
Principais resultados	38
Gênero.....	38
Dados.....	38
Webgrafia	42

Tabela 1- Proporção de habitantes com renda domiciliar per capita igual ou inferior a R\$ 140,00 mensais	30
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

Figura 1-unicef em voluntariado	5
Figura 2- Falta de água	18
Figura 3-Mapa-múndi indicando o Índice de Desenvolvimento Humano	30
Figura 4-Expectativa de vida ao nascer (2005-2010)	30

Pobreza no mundo

Definição de pobreza

A pobreza é uma condição caracterizada pela falta de recursos financeiros, acesso limitado a serviços básicos e incapacidade de atender às necessidades humanas fundamentais. Ela não se limita apenas à escassez de renda, mas também se reflete na falta de acesso a cuidados de saúde, educação, habitação digna e nutrição adequada.

A pobreza é uma condição caracterizada pela falta de recursos financeiros, acesso limitado a serviços básicos e incapacidade de atender às necessidades humanas fundamentais. Ela não se limita apenas à escassez de renda, mas também se reflete na falta de acesso a cuidados de saúde, educação, habitação digna e nutrição adequada.

A pobreza é uma condição caracterizada pela falta de recursos financeiros, acesso limitado a serviços básicos e incapacidade de atender às necessidades humanas fundamentais. Ela não se limita apenas à escassez de renda, mas também se reflete na falta de acesso a cuidados de saúde, educação, habitação digna e nutrição adequada.

A pobreza é uma condição caracterizada pela falta de recursos financeiros, acesso limitado a serviços básicos e incapacidade de atender às necessidades humanas fundamentais. Ela não se limita apenas à escassez de renda, mas também se reflete na falta de acesso a cuidados de saúde, educação, habitação digna e nutrição adequada.

Estatísticas globais de pobreza

As estatísticas globais de pobreza revelam a magnitude desse problema. De acordo com dados recentes, mais de 700 milhões de pessoas em todo o mundo vivem em extrema pobreza, sobrevivendo com menos de US\$ 1,90 por dia. Além disso, cerca de 2 bilhões de pessoas enfrentam formas diversas de pobreza e insegurança financeira.

As estatísticas globais de pobreza revelam a magnitude desse problema. De acordo com dados recentes, mais de 700 milhões de pessoas em todo o mundo vivem em extrema pobreza, sobrevivendo com menos de US\$ 1,90 por dia. Além disso, cerca de 2 bilhões de pessoas enfrentam formas diversas de pobreza e insegurança financeira.

As estatísticas globais de pobreza revelam a magnitude desse problema. De acordo com dados recentes, mais de 700 milhões de pessoas em todo o mundo vivem em extrema pobreza, sobrevivendo com menos de US\$ 1,90 por dia. Além disso, cerca de 2 bilhões de pessoas enfrentam formas diversas de pobreza e insegurança financeira.

As estatísticas globais de pobreza revelam a magnitude desse problema. De acordo com dados recentes, mais de 700 milhões de pessoas em todo o mundo vivem em extrema pobreza, sobrevivendo com menos de US\$ 1,90 por dia. Além disso, cerca de 2 bilhões de pessoas enfrentam formas diversas de pobreza e insegurança financeira.

Causas da pobreza no mundo

A pobreza no mundo tem múltiplas causas complexas, que vão desde disparidades econômicas e sistemas políticos ineficientes até desastres naturais e conflitos armados. A falta de acesso a oportunidades de emprego digno, serviços de saúde, educação de qualidade e infraestrutura básica também contribui significativamente para a perpetuação desse problema global.

Nas últimas décadas, houve um progresso acentuado na redução da pobreza em todo o mundo. De acordo com as estimativas mais recentes, em 2013, 10,7% da população mundial vivia com menos de 1,90 dólar por dia, em comparação com os 35% em 1990 e os 44% em 1981.

A pobreza no mundo tem múltiplas causas complexas, que vão desde disparidades econômicas e sistemas políticos ineficientes até desastres naturais e conflitos armados. A falta de acesso a oportunidades de emprego digno, serviços de saúde, educação de qualidade e infraestrutura básica também contribui significativamente para a perpetuação desse problema global.

Nas últimas décadas, houve um progresso acentuado na redução da pobreza em todo o mundo. De acordo com as estimativas mais recentes, em 2013, 10,7% da população mundial vivia com menos de 1,90 dólar por dia, em comparação com os 35% em 1990 e os 44% em 1981.

A pobreza no mundo tem múltiplas causas complexas, que vão desde disparidades econômicas e sistemas políticos ineficientes até desastres naturais e conflitos armados. A falta de acesso a oportunidades de emprego digno, serviços de saúde, educação de qualidade e infraestrutura básica também contribui significativamente para a perpetuação desse problema global.

Nas últimas décadas, houve um progresso acentuado na redução da pobreza em todo o mundo. De acordo com as estimativas mais recentes, em 2013, 10,7% da população mundial vivia com menos de 1,90 dólar por dia, em comparação com os 35% em 1990 e os 44% em 1981.

A pobreza no mundo tem múltiplas causas complexas, que vão desde disparidades econômicas e sistemas políticos ineficientes até desastres naturais e conflitos armados. A falta de acesso a oportunidades de emprego digno, serviços de saúde, educação de qualidade e infraestrutura básica também contribui significativamente para a perpetuação desse problema global.

Nas últimas décadas, houve um progresso acentuado na redução da pobreza em todo o mundo. De acordo com as estimativas mais recentes, em 2013, 10,7% da população mundial vivia com menos de 1,90 dólar por dia, em comparação com os 35% em 1990 e os 44% em 1981.

Impacto da pobreza na sociedade

A pobreza exerce um impacto significativo em diversos aspectos da sociedade. A falta de recursos financeiros adequados leva a condições de vida precárias, má nutrição, saúde debilitada e menor expectativa de vida. Além disso, a pobreza está frequentemente associada a desigualdades sociais, criminalidade, marginalização e exclusão.

Embora a taxa global de pobreza tenha caído em mais de metade desde 2000, uma em cada dez pessoas nas regiões em desenvolvimento ainda vive com menos de 1,90 dólar por dia (valor fixado para definir as pessoas que vivem na pobreza extrema) e milhões de outras vivem com pouco mais do que esta quantia diária. Registaram-se progressos significativos em muitos países do Leste e Sudeste da Ásia mas, ainda assim, 42% da população da África subsariana continua a viver abaixo do limiar de pobreza.

Hoje, mais de 780 milhões de pessoas vivem abaixo do Limiar Internacional da Pobreza (com menos de 1,90 dólar por dia). Mais de 11% da população mundial vive na pobreza extrema e luta para satisfazer as necessidades mais básicas na esfera da saúde, educação e do acesso à água e ao saneamento. Por cada 100 homens dos 25 aos 34 anos, há 122 mulheres da mesma faixa etária a viver na pobreza, e mais de 160 milhões de crianças correm o risco de continuar na pobreza extrema até 2030.

A pobreza exerce um impacto significativo em diversos aspectos da sociedade. A falta de recursos financeiros adequados leva a condições de vida precárias, má nutrição, saúde debilitada e menor expectativa de vida. Além disso, a pobreza está frequentemente associada a desigualdades sociais, criminalidade, marginalização e exclusão.

Embora a taxa global de pobreza tenha caído em mais de metade desde 2000, uma em cada dez pessoas nas regiões em desenvolvimento ainda vive com menos de 1,90 dólar por dia (valor fixado para definir as pessoas que vivem na pobreza extrema) e milhões de outras vivem com pouco mais do que esta quantia diária. Registaram-se progressos significativos em muitos países do Leste e Sudeste da Ásia mas, ainda assim, 42% da população da África subsariana continua a viver abaixo do limiar de pobreza.

Hoje, mais de 780 milhões de pessoas vivem abaixo do Limiar Internacional da Pobreza (com menos de 1,90 dólar por dia). Mais de 11% da população mundial vive na pobreza extrema e luta para satisfazer as necessidades mais básicas na esfera da saúde, educação e do acesso à água e ao saneamento. Por cada 100 homens dos 25 aos 34 anos, há 122 mulheres da mesma faixa etária a viver na pobreza, e mais de 160 milhões de crianças correm o risco de continuar na pobreza extrema até 2030.

Programas e políticas de combate à pobreza

Diversas nações ao redor do mundo implementaram programas e políticas voltados para a redução da pobreza. Essas iniciativas incluem assistência social, programas de transferência de renda, investimentos em infraestrutura, acesso equitativo à educação e oportunidades de emprego, bem como medidas para garantir segurança alimentar e acesso a cuidados de saúde.

À luz destas preocupações, a Assembleia Geral, durante a septuagésima segunda sessão, decidiu proclamar a “Terceira Década das Nações Unidas para a Erradicação da Pobreza (2018 – 2027)”. O objetivo é o de apoiar, de maneira eficiente e coordenada, as metas de desenvolvimento relacionadas à erradicação da pobreza, também consagrada nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Diversas nações ao redor do mundo implementaram programas e políticas voltados para a redução da pobreza. Essas iniciativas incluem assistência social, programas de transferência de renda, investimentos em infraestrutura, acesso equitativo à educação e oportunidades de emprego, bem como medidas para garantir segurança alimentar e acesso a cuidados de saúde.

À luz destas preocupações, a Assembleia Geral, durante a septuagésima segunda sessão, decidiu proclamar a “Terceira Década das Nações Unidas para a Erradicação da Pobreza (2018 – 2027)”. O objetivo é o de apoiar, de maneira eficiente e coordenada, as metas de desenvolvimento relacionadas à erradicação da pobreza, também consagrada nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Diversas nações ao redor do mundo implementaram programas e políticas voltados para a redução da pobreza. Essas iniciativas incluem assistência social, programas de transferência de renda, investimentos em infraestrutura, acesso equitativo à educação e oportunidades de emprego, bem como medidas para garantir segurança alimentar e acesso a cuidados de saúde.

À luz destas preocupações, a Assembleia Geral, durante a septuagésima segunda sessão, decidiu proclamar a “Terceira Década das Nações Unidas para a Erradicação da Pobreza (2018 – 2027)”. O objetivo é o de apoiar, de maneira eficiente e coordenada, as metas de desenvolvimento relacionadas à erradicação da pobreza, também consagrada nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Organizações internacionais envolvidas na luta contra a pobreza

Diversas organizações internacionais desempenham um papel crucial na luta contra a pobreza em nível global. Entre elas estão o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional (FMI), a Organização das Nações Unidas (ONU), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), bem como outras agências e organizações não-governamentais (ONGs) empenhadas em promover o desenvolvimento sustentável e erradicar a pobreza.

Para fazer comparações europeias, e no âmbito da estratégia Europa 2030, existe um conjunto de outros indicadores, como o risco de pobreza ou exclusão social, que além de incluir as pessoas que vivem com um valor mensal abaixo da linha de pobreza contam ainda com outras que possam até ter um rendimento ligeiramente superior mas vivam em condições de privação material ou com uma intensidade laboral muito reduzida.

Nesse caso, contabilizam-se 2,1 milhões de pessoas nessa situação (20,1%), a mesma percentagem do ano anterior. “O risco de pobreza ou exclusão social diminuiu em quase todas as regiões NUTS II, com exceção da Região Autónoma dos Açores, onde aumentou 1,1 p.p. em relação ao ano anterior, e da Área Metropolitana de Lisboa, onde aumentou 3,8 p.p.”

De acordo com os resultados mais recentes para a UE-27, a taxa de risco de pobreza ou exclusão social em Portugal situava-se abaixo da média europeia (21,6%). “A proporção nacional é inferior ao observado em Espanha, Itália e Grécia; contudo, é superior em relação ao registado para a Croácia”, conclui o INE.

Em 1995, a Cimeira Mundial para o Desenvolvimento Social, realizada em Copenhaga, identificou três questões centrais que podem contribuir para a construção de sociedades seguras, justas, livres e harmoniosas, com oportunidades e padrões de vida mais elevados: a erradicação da pobreza, a criação de empregos e a integração social.

Dentro do sistema das Nações Unidas, a Divisão de Políticas Sociais e Desenvolvimento (DSPD) do Departamento de Assuntos Económicos e Sociais (DESA) atua como Ponto Focal para a Década das Nações Unidas para a Erradicação da Pobreza. Esta divisão realiza atividades que auxiliam os governos na implementação efetiva dos compromissos adotados na Declaração de Copenhaga sobre Desenvolvimento Social e das iniciativas sobre o Desenvolvimento Social, aprovadas na 24ª Sessão Extraordinária da Assembleia Geral.



Figura 1-unicef em voluntariado

Diversas organizações internacionais desempenham um papel crucial na luta contra a pobreza em nível global. Entre elas estão o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional (FMI), a Organização das Nações Unidas (ONU), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), bem como outras agências e organizações não-governamentais (ONGs) empenhadas em promover o desenvolvimento sustentável e erradicar a pobreza.

Para fazer comparações europeias, e no âmbito da estratégia Europa 2030, existe um conjunto de outros indicadores, como o risco de pobreza ou exclusão social, que além de incluir as pessoas que vivem com um valor mensal abaixo da linha de pobreza contam ainda com outras que possam até ter um rendimento ligeiramente superior mas vivam em condições de privação material ou com uma intensidade laboral muito reduzida.

Nesse caso, contabilizam-se 2,1 milhões de pessoas nessa situação (20,1%), a mesma percentagem do ano anterior. “O risco de pobreza ou exclusão social diminuiu em quase todas as regiões NUTS II, com exceção da Região Autónoma dos Açores, onde aumentou 1,1 p.p. em relação ao ano anterior, e da Área Metropolitana de Lisboa, onde aumentou 3,8 p.p.”

De acordo com os resultados mais recentes para a UE-27, a taxa de risco de pobreza ou exclusão social em Portugal situava-se abaixo da média europeia (21,6%). “A proporção nacional é inferior ao observado em Espanha, Itália e Grécia; contudo, é superior em relação ao registado para a Croácia”, conclui o INE.

Em 1995, a Cimeira Mundial para o Desenvolvimento Social, realizada em Copenhaga, identificou três questões centrais que podem contribuir para a construção de sociedades seguras, justas, livres e harmoniosas, com oportunidades e padrões de vida mais elevados: a erradicação da pobreza, a criação de empregos e a integração social.

Dentro do sistema das Nações Unidas, a Divisão de Políticas Sociais e Desenvolvimento (DSPD) do Departamento de Assuntos Económicos e Sociais (DESA)

atua como Ponto Focal para a Década das Nações Unidas para a Erradicação da Pobreza. Esta divisão realiza atividades que auxiliam os governos na implementação efetiva dos compromissos adotados na Declaração de Copenhaga sobre Desenvolvimento Social e das iniciativas sobre o Desenvolvimento Social, aprovadas na 24ª Sessão Extraordinária da Assembleia Geral.

Dia Internacional da Erradicação da Pobreza

Através da resolução 47/196, adotada em 22 de dezembro de 1992, a Assembleia Geral declarou 17 de outubro como o Dia Internacional da Erradicação da Pobreza.

A celebração do Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza remonta a 17 de outubro de 1987. Neste dia, mais de cem mil pessoas reuniram-se em Paris, onde foi assinada a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) para homenagear as vítimas da pobreza, violência e fome. Neste dia a pobreza foi proclamada como uma violação dos direitos humanos. Desde então, pessoas de todas as origens e crenças juntam-se, nesse mesmo dia, para renovar o seu compromisso e solidariedade para com os mais pobres.

Através da resolução 47/196, adotada em 22 de dezembro de 1992, a Assembleia Geral declarou 17 de outubro como o Dia Internacional da Erradicação da Pobreza.

A celebração do Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza remonta a 17 de outubro de 1987. Neste dia, mais de cem mil pessoas reuniram-se em Paris, onde foi assinada a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) para homenagear as vítimas da pobreza, violência e fome. Neste dia a pobreza foi proclamada como uma violação dos direitos humanos. Desde então, pessoas de todas as origens e crenças juntam-se, nesse mesmo dia, para renovar o seu compromisso e solidariedade para com os mais pobres.

Através da resolução 47/196, adotada em 22 de dezembro de 1992, a Assembleia Geral declarou 17 de outubro como o Dia Internacional da Erradicação da Pobreza.

A celebração do Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza remonta a 17 de outubro de 1987. Neste dia, mais de cem mil pessoas reuniram-se em Paris, onde foi assinada a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) para homenagear as vítimas da pobreza, violência e fome. Neste dia a pobreza foi proclamada como uma violação dos direitos humanos. Desde então, pessoas de todas as origens e crenças juntam-se, nesse mesmo dia, para renovar o seu compromisso e solidariedade para com os mais pobres.

Através da resolução 47/196, adotada em 22 de dezembro de 1992, a Assembleia Geral declarou 17 de outubro como o Dia Internacional da Erradicação da Pobreza.

A celebração do Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza remonta a 17 de outubro de 1987. Neste dia, mais de cem mil pessoas reuniram-se em Paris, onde foi assinada a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) para homenagear as vítimas da pobreza, violência e fome. Neste dia a pobreza foi proclamada como uma

violação dos direitos humanos. Desde então, pessoas de todas as origens e crenças juntam-se, nesse mesmo dia, para renovar o seu compromisso e solidariedade para com os mais pobres.

Sucesso e falhas na redução da pobreza

Progressos Significativos

Em algumas regiões do mundo, foram alcançados progressos significativos na redução da pobreza, resultantes de políticas eficazes e investimentos em desenvolvimento humano e econômico. A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável promete não deixar ninguém para trás. Cumprir esta ambiciosa agenda de desenvolvimento requer a execução de políticas extraordinárias para um crescimento económico sustentável, inclusivo e equitativo, suportado pelo emprego digno, pela integração social, diminuição da desigualdade e pelo aumento da produtividade. Na Agenda 2030, o Objetivo 1 reconhece que acabar com a pobreza em todas as suas formas e em todos os lugares é o maior desafio que o mundo enfrenta e um requisito indispensável para o desenvolvimento sustentável.

Em algumas regiões do mundo, foram alcançados progressos significativos na redução da pobreza, resultantes de políticas eficazes e investimentos em desenvolvimento humano e econômico. A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável promete não deixar ninguém para trás. Cumprir esta ambiciosa agenda de desenvolvimento requer a execução de políticas extraordinárias para um crescimento económico sustentável, inclusivo e equitativo, suportado pelo emprego digno, pela integração social, diminuição da desigualdade e pelo aumento da produtividade. Na Agenda 2030, o Objetivo 1 reconhece que acabar com a pobreza em todas as suas formas e em todos os lugares é o maior desafio que o mundo enfrenta e um requisito indispensável para o desenvolvimento sustentável.

Em algumas regiões do mundo, foram alcançados progressos significativos na redução da pobreza, resultantes de políticas eficazes e investimentos em desenvolvimento humano e econômico. A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável promete não deixar ninguém para trás. Cumprir esta ambiciosa agenda de desenvolvimento requer a execução de políticas extraordinárias para um crescimento económico sustentável, inclusivo e equitativo, suportado pelo emprego digno, pela integração social, diminuição da desigualdade e pelo aumento da produtividade. Na Agenda 2030, o Objetivo 1 reconhece que acabar com a pobreza em todas as suas formas e em todos os lugares é o maior desafio que o mundo enfrenta e um requisito indispensável para o desenvolvimento sustentável.

Em algumas regiões do mundo, foram alcançados progressos significativos na redução da pobreza, resultantes de políticas eficazes e investimentos em desenvolvimento humano e econômico. A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável promete não deixar ninguém para trás. Cumprir esta ambiciosa agenda de desenvolvimento requer a execução de políticas extraordinárias para um crescimento económico sustentável, inclusivo e equitativo, suportado pelo emprego digno, pela integração social, diminuição da desigualdade e pelo aumento da produtividade. Na Agenda 2030, o Objetivo 1 reconhece que acabar com a pobreza em todas as suas

formas e em todos os lugares é o maior desafio que o mundo enfrenta e um requisito indispensável para o desenvolvimento sustentável.

Desafios persistem

No entanto, persistem desafios significativos, e em certos casos, retrocessos têm sido observados, dificultando a erradicação sustentada da pobreza.

Números:

783 milhões de pessoas vivem abaixo do Limiar Internacional da Pobreza de 1,90 dólares por dia.

Em 2016, quase 10% dos trabalhadores e famílias viviam com menos de 1,90 dólares por pessoa por dia.

A maioria das pessoas que vive abaixo do Limiar Internacional da Pobreza vive em duas regiões: a Ásia meridional e a África subsaariana.

As altas taxas de pobreza são frequentemente encontradas em países pequenos, frágeis e afetados por conflitos.

No entanto, persistem desafios significativos, e em certos casos, retrocessos têm sido observados, dificultando a erradicação sustentada da pobreza.

Números:

783 milhões de pessoas vivem abaixo do Limiar Internacional da Pobreza de 1,90 dólares por dia.

Em 2016, quase 10% dos trabalhadores e famílias viviam com menos de 1,90 dólares por pessoa por dia.

A maioria das pessoas que vive abaixo do Limiar Internacional da Pobreza vive em duas regiões: a Ásia meridional e a África subsaariana.

As altas taxas de pobreza são frequentemente encontradas em países pequenos, frágeis e afetados por conflitos.

No entanto, persistem desafios significativos, e em certos casos, retrocessos têm sido observados, dificultando a erradicação sustentada da pobreza.

Números:

783 milhões de pessoas vivem abaixo do Limiar Internacional da Pobreza de 1,90 dólares por dia.

Em 2016, quase 10% dos trabalhadores e famílias viviam com menos de 1,90 dólares por pessoa por dia.

A maioria das pessoas que vive abaixo do Limiar Internacional da Pobreza vive em duas regiões: a Ásia meridional e a África subsaariana.

As altas taxas de pobreza são frequentemente encontradas em países pequenos, frágeis e afetados por conflitos.

No entanto, persistem desafios significativos, e em certos casos, retrocessos têm sido observados, dificultando a erradicação sustentada da pobreza.

Números:

783 milhões de pessoas vivem abaixo do Limiar Internacional da Pobreza de 1,90 dólares por dia.

Em 2016, quase 10% dos trabalhadores e famílias viviam com menos de 1,90 dólares por pessoa por dia.

A maioria das pessoas que vive abaixo do Limiar Internacional da Pobreza vive em duas regiões: a Ásia meridional e a África subsaariana.

As altas taxas de pobreza são frequentemente encontradas em países pequenos, frágeis e afetados por conflitos.

O papel da educação na superação da pobreza

A educação desempenha um papel crucial na superação da pobreza. Ela não apenas capacita indivíduos a competir no mercado de trabalho e adquirir habilidades essenciais, mas também promove a conscientização, capacitação e emancipação, rompendo o ciclo interjacional da pobreza. A educação desempenha um papel crucial na superação da pobreza. Ela não apenas capacita indivíduos a competir no mercado de trabalho e adquirir habilidades essenciais, mas também promove a conscientização, capacitação e emancipação, rompendo o ciclo interjacional da pobreza.

A educação desempenha um papel crucial na superação da pobreza. Ela não apenas capacita indivíduos a competir no mercado de trabalho e adquirir habilidades essenciais, mas também promove a conscientização, capacitação e emancipação, rompendo o ciclo interjacional da pobreza. A educação desempenha um papel crucial na superação da pobreza. Ela não apenas capacita indivíduos a competir no mercado de trabalho e adquirir habilidades essenciais, mas também promove a conscientização, capacitação e emancipação, rompendo o ciclo interjacional da pobreza.

A educação desempenha um papel crucial na superação da pobreza. Ela não apenas capacita indivíduos a competir no mercado de trabalho e adquirir habilidades essenciais, mas também promove a conscientização, capacitação e emancipação, rompendo o ciclo interjacional da pobreza. A educação desempenha um papel crucial na superação da pobreza. Ela não apenas capacita indivíduos a competir no mercado de trabalho e adquirir habilidades essenciais, mas também promove a conscientização, capacitação e emancipação, rompendo o ciclo interjacional da pobreza.

Desafios enfrentados pelos pobres

Acabar com a pobreza em todas as suas formas é o primeiro dos 17 Objetivos da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.

A principal referência dos ODS para combater a pobreza é feita na meta 1.A: “Garantir uma mobilização significativa de recursos de uma variedade de fontes, inclusive através do reforço da cooperação para o desenvolvimento, proporcionando meios adequados e previsíveis para que os países em desenvolvimento (em particular, os países menos desenvolvidos) possam implementar programas e políticas para acabar com a pobreza em todas as suas dimensões.”

Caso não sejam tomadas medidas para melhorar a saúde e a educação até 2030, cerca de 167 milhões de crianças vão viver na pobreza extrema.

Os ODS pretendem criar estruturas de políticas sólidas a nível nacional e regional, com base em estratégias de desenvolvimento favoráveis aos pobres e sensíveis ao género. Um dos objetivos passa por, até 2030, garantir que todos os homens e mulheres tenham direitos iguais e acesso aos serviços básicos, à propriedade, recursos naturais, novas tecnologias e serviços financeiros como o microfinanciamento.

Acabar com a pobreza em todas as suas formas é o primeiro dos 17 Objetivos da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.

A principal referência dos ODS para combater a pobreza é feita na meta 1.A: “Garantir uma mobilização significativa de recursos de uma variedade de fontes, inclusive através do reforço da cooperação para o desenvolvimento, proporcionando meios adequados e previsíveis para que os países em desenvolvimento (em particular, os países menos desenvolvidos) possam implementar programas e políticas para acabar com a pobreza em todas as suas dimensões.”

Caso não sejam tomadas medidas para melhorar a saúde e a educação até 2030, cerca de 167 milhões de crianças vão viver na pobreza extrema.

Os ODS pretendem criar estruturas de políticas sólidas a nível nacional e regional, com base em estratégias de desenvolvimento favoráveis aos pobres e sensíveis ao género. Um dos objetivos passa por, até 2030, garantir que todos os homens e mulheres tenham direitos iguais e acesso aos serviços básicos, à propriedade, recursos naturais, novas tecnologias e serviços financeiros como o microfinanciamento.

Acabar com a pobreza em todas as suas formas é o primeiro dos 17 Objetivos da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.

A principal referência dos ODS para combater a pobreza é feita na meta 1.A: “Garantir uma mobilização significativa de recursos de uma variedade de fontes, inclusive através do reforço da cooperação para o desenvolvimento, proporcionando meios adequados e previsíveis para que os países em desenvolvimento (em particular, os países menos desenvolvidos) possam implementar programas e políticas para acabar com a pobreza em todas as suas dimensões.”

Caso não sejam tomadas medidas para melhorar a saúde e a educação até 2030, cerca de 167 milhões de crianças vão viver na pobreza extrema.

Os ODS pretendem criar estruturas de políticas sólidas a nível nacional e regional, com base em estratégias de desenvolvimento favoráveis aos pobres e sensíveis ao género. Um dos objetivos passa por, até 2030, garantir que todos os homens e mulheres tenham direitos iguais e acesso aos serviços básicos, à propriedade, recursos naturais, novas tecnologias e serviços financeiros como o microfinanciamento.

Insegurança Alimentar

Milhares de pessoas enfrentam insegurança alimentar, não tendo acesso regular a alimentos suficientes e nutritivos, assim existe muita pobreza. Milhares de pessoas enfrentam insegurança alimentar, não tendo acesso regular a alimentos suficientes e nutritivos, como somos mais felizes sozinhos. Milhares de pessoas enfrentam insegurança alimentar, não tendo acesso regular a alimentos suficientes e nutritivos, o mundo gira e a pobreza aumenta. Milhares de pessoas enfrentam insegurança alimentar, não tendo acesso regular a alimentos suficientes e nutritivos.

Outro dos indicadores estudados pelo INE é o da taxa de intensidade da pobreza, que permite avaliar em que medida o rendimento das pessoas pobres se aproxima ou se afasta do limiar de pobreza. É um indicador da insuficiência de recursos da população em risco de pobreza, que traduz um claro agravamento. Em 2022, a taxa de intensidade da pobreza ascendeu a 25,6%, mais do que no ano anterior (21,7%).

É ainda de realçar um aumento das desigualdades na distribuição dos rendimentos no ano passado, “principalmente comparando os 10% da população com maiores recursos e os 10% da população com menores recursos”.

Em Portugal, a pobreza afeta uma parcela significativa da população, embora o país tenha feito avanços notáveis no combate à pobreza nos últimos anos. Estratégias e intervenções sociais estão a ser implementadas, com enfoque na inclusão social, redução das desigualdades e promoção do desenvolvimento social sustentável. Pobreza aumentou em 2022 e abrange 17% da população: 1,78 milhões de pessoas vivem com menos de €591 por mês. A taxa de risco de pobreza aumentou em 2022 para 17%. É essa a percentagem da população que vivia abaixo da linha de pobreza no ano passado, ou seja, com menos de 591 euros por mês, mostram os dados divulgados esta segunda-feira pelo Instituto Nacional de Estatística (INE). São 1,78 milhões de pessoas, mais 81 mil do que no ano anterior. Em 2021, contabilizaram-se 1,69 milhões de pessoas em situação de pobreza, quando a taxa era de 16,4%. Nessa altura, os dados traduziam uma recuperação face ao aumento verificado durante a pandemia. Contudo, em 2022, um ano marcado pela subida de preços e pela crise na habitação, a realidade voltou a agravar-se.

Os indicadores do INE agora divulgados mostram também que este aumento da pobreza em 2022 abrangeu todos os grupos etários, “embora de forma mais significativa” as crianças e jovens com menos de 18 anos. Aumentou mais entre as mulheres (de 16,8% em 2021 para 17,7% em 2022) do que entre os homens (15,9% para 16,2%).

Quanto à caracterização da população pobre pelo nível de habilitações, conclui-se que mais de um quinto (22,7%) da população portuguesa que só tem o ensino básico vive em situação de pobreza. Essa percentagem é bem superior à da população com ensino secundário (13,5%) e ensino superior (5,8%). No que diz respeito aos trabalhadores, não há grandes diferenças: 10% das pessoas que trabalhavam em 2022 eram pobres (10,3% em 2021).

Outro dos indicadores estudados pelo INE é o da taxa de intensidade da pobreza, que permite avaliar em que medida o rendimento das pessoas pobres se aproxima ou se afasta do limiar de pobreza. É um indicador da insuficiência de recursos da população em risco de pobreza, que traduz um claro agravamento. Em 2022, a taxa de intensidade da pobreza ascendeu a 25,6%, mais do que no ano anterior (21,7%).

É ainda de realçar um aumento das desigualdades na distribuição dos rendimentos no ano passado, “principalmente comparando os 10% da população com maiores recursos e os 10% da população com menores recursos”.

Educação, moradia, água

Mesmo antes da pandemia de Covid-19 e da atual crise de custo de vida, os dados mostravam que 1,2 bilhão de pessoas em 111 países em desenvolvimento viviam

em pobreza multidimensional aguda. Isso é quase o dobro do número de pessoas consideradas neste grupo com base na definição da pobreza, que é sobreviver com menos de US\$ 1,90 por dia.

O estudo vai além da renda como uma medida da pobreza para entender como as pessoas vivenciam a pobreza em diferentes aspectos, desde acesso à educação e saúde, a padrões de vida como moradia, água potável, saneamento e eletricidade.

O relatório identifica uma série de “pacotes de carências”, padrões recorrentes de pobreza, que normalmente afetam aqueles que vivem em pobreza multidimensional em todo o mundo.

Mesmo antes da pandemia de Covid-19 e da atual crise de custo de vida, os dados mostravam que 1,2 bilhão de pessoas em 111 países em desenvolvimento viviam em pobreza multidimensional aguda. Isso é quase o dobro do número de pessoas consideradas neste grupo com base na definição da pobreza, que é sobreviver com menos de US\$ 1,90 por dia.

O estudo vai além da renda como uma medida da pobreza para entender como as pessoas vivenciam a pobreza em diferentes aspectos, desde acesso à educação e saúde, a padrões de vida como moradia, água potável, saneamento e eletricidade.

O relatório identifica uma série de “pacotes de carências”, padrões recorrentes de pobreza, que normalmente afetam aqueles que vivem em pobreza multidimensional em todo o mundo.

Mesmo antes da pandemia de Covid-19 e da atual crise de custo de vida, os dados mostravam que 1,2 bilhão de pessoas em 111 países em desenvolvimento viviam em pobreza multidimensional aguda. Isso é quase o dobro do número de pessoas consideradas neste grupo com base na definição da pobreza, que é sobreviver com menos de US\$ 1,90 por dia. O estudo vai além da renda como uma medida da pobreza para entender como as pessoas vivenciam a pobreza em diferentes aspectos, desde acesso à educação e saúde, a padrões de vida como moradia, água potável, saneamento e eletricidade. O relatório identifica uma série de “pacotes de carências”, padrões recorrentes de pobreza, que normalmente afetam aqueles que vivem em pobreza multidimensional em todo o mundo.

Os dados são usados para identificar os diferentes perfis de pobreza que são mais comuns em determinados lugares. Este é um passo crucial na concepção de estratégias para abordar a questão em vários aspectos. Os dados são usados para identificar os diferentes perfis de pobreza que são mais comuns em determinados lugares. Este é um passo crucial na concepção de estratégias para abordar a questão em vários aspectos.

Os dados são usados para identificar os diferentes perfis de pobreza que são mais comuns em determinados lugares. Este é um passo crucial na concepção de estratégias para abordar a questão em vários aspectos.

Os dados são usados para identificar os diferentes perfis de pobreza que são mais comuns em determinados lugares. Este é um passo crucial na concepção de estratégias para abordar a questão em vários aspectos. Os dados são usados para identificar os diferentes perfis de pobreza que são mais comuns em determinados lugares. Este é um passo crucial na concepção de estratégias para abordar a questão em

vários aspetos. Os dados são usados para identificar os diferentes perfis de pobreza que são mais comuns em determinados lugares. Este é um passo crucial na conceção de estratégias para abordar a questão em vários aspetos. Os dados são usados para identificar os diferentes perfis de pobreza que são mais comuns em determinados lugares. Este é um passo crucial na conceção de estratégias para abordar a questão em vários aspetos.

Em Portugal, a pobreza afeta uma parcela significativa da população, embora o país tenha feito avanços notáveis no combate à pobreza nos últimos anos. Estratégias e intervenções sociais estão a ser implementadas, com enfoque na inclusão social, redução das desigualdades e promoção do desenvolvimento social sustentável. Pobreza aumentou em 2022 e abrange 17% da população: 1,78 milhões de pessoas vivem com menos de €591 por mês. A taxa de risco de pobreza aumentou em 2022 para 17%. É essa a percentagem da população que vivia abaixo da linha de pobreza no ano passado, ou seja, com menos de 591 euros por mês, mostram os dados divulgados esta segunda-feira pelo Instituto Nacional de Estatística (INE). São 1,78 milhões de pessoas, mais 81 mil do que no ano anterior. Em 2021, contabilizaram-se 1,69 milhões de pessoas em situação de pobreza, quando a taxa era de 16,4%. Nessa altura, os dados traduziam uma recuperação face ao aumento verificado durante a pandemia. Contudo, em 2022, um ano marcado pela subida de preços e pela crise na habitação, a realidade voltou a agravar-se.

Os indicadores do INE agora divulgados mostram também que este aumento da pobreza em 2022 abrangeu todos os grupos etários, “embora de forma mais significativa” as crianças e jovens com menos de 18 anos. Aumentou mais entre as mulheres (de 16,8% em 2021 para 17,7% em 2022) do que entre os homens (15,9% para 16,2%).

Quanto à caracterização da população pobre pelo nível de habilitações, conclui-se que mais de um quinto (22,7%) da população portuguesa que só tem o ensino básico vive em situação de pobreza. Essa percentagem é bem superior à da população com ensino secundário (13,5%) e ensino superior (5,8%). No que diz respeito aos trabalhadores, não há grandes diferenças: 10% das pessoas que trabalhavam em 2022 eram pobres (10,3% em 2021).

Outro dos indicadores estudados pelo INE é o da taxa de intensidade da pobreza, que permite avaliar em que medida o rendimento das pessoas pobres se aproxima ou se afasta do limiar de pobreza. É um indicador da insuficiência de recursos da população em risco de pobreza, que traduz um claro agravamento. Em 2022, a taxa de intensidade da pobreza ascendeu a 25,6%, mais do que no ano anterior (21,7%).

É ainda de realçar um aumento das desigualdades na distribuição dos rendimentos no ano passado, “principalmente comparando os 10% da população com maiores recursos e os 10% da população com menores recursos”.

Em Portugal, a pobreza afeta uma parcela significativa da população, embora o país tenha feito avanços notáveis no combate à pobreza nos últimos anos. Estratégias e intervenções sociais estão a ser implementadas, com enfoque na inclusão social, redução das desigualdades e promoção do desenvolvimento social sustentável. Pobreza aumentou em 2022 e abrange 17% da população: 1,78 milhões de pessoas vivem com menos de €591 por mês. A taxa de risco de pobreza aumentou em 2022 para 17%. É

essa a percentagem da população que vivia abaixo da linha de pobreza no ano passado, ou seja, com menos de 591 euros por mês, mostram os dados divulgados esta segunda-feira pelo Instituto Nacional de Estatística (INE). São 1,78 milhões de pessoas, mais 81 mil do que no ano anterior. Em 2021, contabilizaram-se 1,69 milhões de pessoas em situação de pobreza, quando a taxa era de 16,4%. Nessa altura, os dados traduziam uma recuperação face ao aumento verificado durante a pandemia. Contudo, em 2022, um ano marcado pela subida de preços e pela crise na habitação, a realidade voltou a agravar-se.

Os indicadores do INE agora divulgados mostram também que este aumento da pobreza em 2022 abrangeu todos os grupos etários, “embora de forma mais significativa” as crianças e jovens com menos de 18 anos. Aumentou mais entre as mulheres (de 16,8% em 2021 para 17,7% em 2022) do que entre os homens (15,9% para 16,2%).

Quanto à caracterização da população pobre pelo nível de habilitações, conclui-se que mais de um quinto (22,7%) da população portuguesa que só tem o ensino básico vive em situação de pobreza. Essa percentagem é bem superior à da população com ensino secundário (13,5%) e ensino superior (5,8%). No que diz respeito aos trabalhadores, não há grandes diferenças: 10% das pessoas que trabalhavam em 2022 eram pobres (10,3% em 2021).

Outro dos indicadores estudados pelo INE é o da taxa de intensidade da pobreza, que permite avaliar em que medida o rendimento das pessoas pobres se aproxima ou se afasta do limiar de pobreza. É um indicador da insuficiência de recursos da população em risco de pobreza, que traduz um claro agravamento. Em 2022, a taxa de intensidade da pobreza ascendeu a 25,6%, mais do que no ano anterior (21,7%).

É ainda de realçar um aumento das desigualdades na distribuição dos rendimentos no ano passado, “principalmente comparando os 10% da população com maiores recursos e os 10% da população com menores recursos”.

Educação, moradia, água

Mesmo antes da pandemia de Covid-19 e da atual crise de custo de vida, os dados mostravam que 1,2 bilhão de pessoas em 111 países em desenvolvimento viviam em pobreza multidimensional aguda. Isso é quase o dobro do número de pessoas consideradas neste grupo com base na definição da pobreza, que é sobreviver com menos de US\$ 1,90 por dia.

O estudo vai além da renda como uma medida da pobreza para entender como as pessoas vivenciam a pobreza em diferentes aspetos, desde acesso à educação e saúde, a padrões de vida como moradia, água potável, saneamento e eletricidade.

O relatório identifica uma série de “pacotes de carências”, padrões recorrentes de pobreza, que normalmente afetam aqueles que vivem em pobreza multidimensional em todo o mundo.

Mesmo antes da pandemia de Covid-19 e da atual crise de custo de vida, os dados mostravam que 1,2 bilhão de pessoas em 111 países em desenvolvimento viviam em pobreza multidimensional aguda. Isso é quase o dobro do número de pessoas

consideradas neste grupo com base na definição da pobreza, que é sobreviver com menos de US\$ 1,90 por dia.

O estudo vai além da renda como uma medida da pobreza para entender como as pessoas vivenciam a pobreza em diferentes aspectos, desde acesso à educação e saúde, a padrões de vida como moradia, água potável, saneamento e eletricidade.

O relatório identifica uma série de “pacotes de carências”, padrões recorrentes de pobreza, que normalmente afetam aqueles que vivem em pobreza multidimensional em todo o mundo.

Mesmo antes da pandemia de Covid-19 e da atual crise de custo de vida, os dados mostravam que 1,2 bilhão de pessoas em 111 países em desenvolvimento viviam em pobreza multidimensional aguda. Isso é quase o dobro do número de pessoas consideradas neste grupo com base na definição da pobreza, que é sobreviver com menos de US\$ 1,90 por dia. O estudo vai além da renda como uma medida da pobreza para entender como as pessoas vivenciam a pobreza em diferentes aspectos, desde acesso à educação e saúde, a padrões de vida como moradia, água potável, saneamento e eletricidade. O relatório identifica uma série de “pacotes de carências”, padrões recorrentes de pobreza, que normalmente afetam aqueles que vivem em pobreza multidimensional em todo o mundo.

Os dados são usados para identificar os diferentes perfis de pobreza que são mais comuns em determinados lugares. Este é um passo crucial na concepção de estratégias para abordar a questão em vários aspectos. Os dados são usados para identificar os diferentes perfis de pobreza que são mais comuns em determinados lugares. Este é um passo crucial na concepção de estratégias para abordar a questão em vários aspectos.

Os dados são usados para identificar os diferentes perfis de pobreza que são mais comuns em determinados lugares. Este é um passo crucial na concepção de estratégias para abordar a questão em vários aspectos.

Os dados são usados para identificar os diferentes perfis de pobreza que são mais comuns em determinados lugares. Este é um passo crucial na concepção de estratégias para abordar a questão em vários aspectos. Os dados são usados para identificar os diferentes perfis de pobreza que são mais comuns em determinados lugares. Este é um passo crucial na concepção de estratégias para abordar a questão em vários aspectos. Os dados são usados para identificar os diferentes perfis de pobreza que são mais comuns em determinados lugares. Este é um passo crucial na concepção de estratégias para abordar a questão em vários aspectos. Os dados são usados para identificar os diferentes perfis de pobreza que são mais comuns em determinados lugares. Este é um passo crucial na concepção de estratégias para abordar a questão em vários aspectos.



Figura 2- Falta de água

Países de língua portuguesa

Entre os 20 países que reduziram o valor do MPI mais rápido, estão três nações de língua portuguesa: Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

As três também figuram entre 26 que experimentam um aumento significativo na redução das carências em todos os indicadores, ou seja, a percentagem de pessoas que eram pobres e desfavorecidas diminuiu em cada indicador.

Já Moçambique é o único de língua portuguesa na lista dos 40 países que não registou nenhuma redução significativa na pobreza entre as crianças e também está entre os 15 da África Subsaariana que tiveram um aumento no número de pessoas pobres, apesar de uma diminuição da incidência da pobreza, mostrando que o crescimento populacional ultrapassou a redução da pobreza. Entre os 20 países que reduziram o valor do MPI mais rápido, estão três nações de língua portuguesa: Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

As três também figuram entre 26 que experimentam um aumento significativo na redução das carências em todos os indicadores, ou seja, a percentagem de pessoas que eram pobres e desfavorecidas diminuiu em cada indicador.

Já Moçambique é o único de língua portuguesa na lista dos 40 países que não registou nenhuma redução significativa na pobreza entre as crianças e também está entre os 15 da África Subsaariana que tiveram um aumento no número de pessoas pobres, apesar de uma diminuição da incidência da pobreza, mostrando que o crescimento populacional ultrapassou a redução da pobreza.

Entre os 20 países que reduziram o valor do MPI mais rápido, estão três nações de língua portuguesa: Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

As três também figuram entre 26 que experimentam um aumento significativo na redução das carências em todos os indicadores, ou seja, a percentagem de pessoas que eram pobres e desfavorecidas diminuiu em cada indicador.

Já Moçambique é o único de língua portuguesa na lista dos 40 países que não registou nenhuma redução significativa na pobreza entre as crianças e também está

entre os 15 da África Subsaariana que tiveram um aumento no número de pessoas pobres, apesar de uma diminuição da incidência da pobreza, mostrando que o crescimento populacional ultrapassou a redução da pobreza.

Entre os 20 países que reduziram o valor do MPI mais rápido, estão três nações de língua portuguesa: Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

As três também figuram entre 26 que experimentam um aumento significativo na redução das carências em todos os indicadores, ou seja, a percentagem de pessoas que eram pobres e desfavorecidas diminuiu em cada indicador.

Já Moçambique é o único de língua portuguesa na lista dos 40 países que não registou nenhuma redução significativa na pobreza entre as crianças e também está entre os 15 da África Subsaariana que tiveram um aumento no número de pessoas pobres, apesar de uma diminuição da incidência da pobreza, mostrando que o crescimento populacional ultrapassou a redução da pobreza. Entre os 20 países que reduziram o valor do MPI mais rápido, estão três nações de língua portuguesa: Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

As três também figuram entre 26 que experimentam um aumento significativo na redução das carências em todos os indicadores, ou seja, a percentagem de pessoas que eram pobres e desfavorecidas diminuiu em cada indicador.

Já Moçambique é o único de língua portuguesa na lista dos 40 países que não registou nenhuma redução significativa na pobreza entre as crianças e também está entre os 15 da África Subsaariana que tiveram um aumento no número de pessoas pobres, apesar de uma diminuição da incidência da pobreza, mostrando que o crescimento populacional ultrapassou a redução da pobreza.

Entre os 20 países que reduziram o valor do MPI mais rápido, estão três nações de língua portuguesa: Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

As três também figuram entre 26 que experimentam um aumento significativo na redução das carências em todos os indicadores, ou seja, a percentagem de pessoas que eram pobres e desfavorecidas diminuiu em cada indicador.

Já Moçambique é o único de língua portuguesa na lista dos 40 países que não registou nenhuma redução significativa na pobreza entre as crianças e também está entre os 15 da África Subsaariana que tiveram um aumento no número de pessoas pobres, apesar de uma diminuição da incidência da pobreza, mostrando que o crescimento populacional ultrapassou a redução da pobreza.

Índia, Nigéria e África do Sul

O MPI oferece uma análise aprofundada da pobreza entre as regiões.

A maioria das pessoas em pobreza multidimensional, 83%, vive na África Subsaariana e no sul da Ásia. Dois terços das pessoas pobres vivem em países de renda média e 83% em áreas rurais. E apesar de seu impressionante progresso pré-pandemia, a Índia ainda abrigava 229 milhões de pessoas pobres. Já a Nigéria teve o próximo número mais alto, com 97 milhões de pessoas pobres

Antes da pandemia, 72 países reduziram significativamente a pobreza. No entanto, o relatório antecipa que alguns dos esforços para acabar com a pobreza de

acordo com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável provavelmente foram prejudicados como resultado de recentes crises. O MPI oferece uma análise aprofundada da pobreza entre as regiões.

A maioria das pessoas em pobreza multidimensional, 83%, vive na África Subsaariana e no sul da Ásia. Dois terços das pessoas pobres vivem em países de renda média e 83% em áreas rurais. E apesar de seu impressionante progresso pré-pandemia, a Índia ainda abrigava 229 milhões de pessoas pobres. Já a Nigéria teve o próximo número mais alto, com 97 milhões de pessoas pobres

Antes da pandemia, 72 países reduziram significativamente a pobreza. No entanto, o relatório antecipa que alguns dos esforços para acabar com a pobreza de acordo com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável provavelmente foram prejudicados como resultado de recentes crises. O MPI oferece uma análise aprofundada da pobreza entre as regiões.

A maioria das pessoas em pobreza multidimensional, 83%, vive na África Subsaariana e no sul da Ásia. Dois terços das pessoas pobres vivem em países de renda média e 83% em áreas rurais. E apesar de seu impressionante progresso pré-pandemia, a Índia ainda abrigava 229 milhões de pessoas pobres. Já a Nigéria teve o próximo número mais alto, com 97 milhões de pessoas pobres. Antes da pandemia, 72 países reduziram significativamente a pobreza. No entanto, o relatório antecipa que alguns dos esforços para acabar com a pobreza de acordo com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável provavelmente foram prejudicados como resultado de recentes crises.

O MPI oferece uma análise aprofundada da pobreza entre as regiões. A maioria das pessoas em pobreza multidimensional, 83%, vive na África Subsaariana e no sul da Ásia. Dois terços das pessoas pobres vivem em países de renda média e 83% em áreas rurais. E apesar de seu impressionante progresso pré-pandemia, a Índia ainda abrigava 229 milhões de pessoas pobres. Já a Nigéria teve o próximo número mais alto, com 97 milhões de pessoas pobres. Antes da pandemia, 72 países reduziram significativamente a pobreza. No entanto, o relatório antecipa que alguns dos esforços para acabar com a pobreza de acordo com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável provavelmente foram prejudicados como resultado de recentes crises. O MPI oferece uma análise aprofundada da pobreza entre as regiões.

A maioria das pessoas em pobreza multidimensional, 83%, vive na África Subsaariana e no sul da Ásia. Dois terços das pessoas pobres vivem em países de renda média e 83% em áreas rurais. E apesar de seu impressionante progresso pré-pandemia, a Índia ainda abrigava 229 milhões de pessoas pobres. Já a Nigéria teve o próximo número mais alto, com 97 milhões de pessoas pobres. Antes da pandemia, 72 países reduziram significativamente a pobreza. No entanto, o relatório antecipa que alguns dos esforços para acabar com a pobreza de acordo com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável provavelmente foram prejudicados como resultado de recentes crises.

O MPI oferece uma análise aprofundada da pobreza entre as regiões. A maioria das pessoas em pobreza multidimensional, 83%, vive na África Subsaariana e no sul da Ásia. Dois terços das pessoas pobres vivem em países de renda média e 83% em áreas rurais. E apesar de seu impressionante progresso pré-pandemia, a Índia ainda abrigava 229 milhões de pessoas pobres. Já a Nigéria teve o próximo número mais alto, com 97 milhões de pessoas pobres. Antes da pandemia, 72 países reduziram significativamente

a pobreza. No entanto, o relatório antecipa que alguns dos esforços para acabar com a pobreza de acordo com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável provavelmente foram prejudicados como resultado de recentes crises.

O MPI oferece uma análise aprofundada da pobreza entre as regiões. A maioria das pessoas em pobreza multidimensional, 83%, vive na África Subsaariana e no sul da Ásia. Dois terços das pessoas pobres vivem em países de renda média e 83% em áreas rurais. E apesar de seu impressionante progresso pré-pandemia, a Índia ainda abrigava 229 milhões de pessoas pobres. Já a Nigéria teve o próximo número mais alto, com 97 milhões de pessoas pobres. Antes da pandemia, 72 países reduziram significativamente a pobreza. No entanto, o relatório antecipa que alguns dos esforços para acabar com a pobreza de acordo com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável provavelmente foram prejudicados como resultado de recentes crises. O MPI oferece uma análise aprofundada da pobreza entre as regiões.

A maioria das pessoas em pobreza multidimensional, 83%, vive na África Subsaariana e no sul da Ásia. Dois terços das pessoas pobres vivem em países de renda média e 83% em áreas rurais. E apesar de seu impressionante progresso pré-pandemia, a Índia ainda abrigava 229 milhões de pessoas pobres. Já a Nigéria teve o próximo número mais alto, com 97 milhões de pessoas pobres. Antes da pandemia, 72 países reduziram significativamente a pobreza. No entanto, o relatório antecipa que alguns dos esforços para acabar com a pobreza de acordo com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável provavelmente foram prejudicados como resultado de recentes crises.

Problemas a serem enfrentados

O relatório destaca a necessidade de enfrentar as camadas de carências que geralmente andam de mãos dadas, incluindo:

- Mais de 50% das pessoas pobres, ou 593 milhões, carecem de eletricidade e combustível limpo para cozinhar.
- Quase 40% dos pobres, ou 437 milhões, não têm acesso à água potável e ao saneamento.
- Mais de 30% de pessoas na pobreza, ou 374 milhões, são privadas de nutrição, combustível para cozinhar, saneamento e habitação ao mesmo tempo.

O líder do Pnud, Achim Steiner, ressalta que essa análise multidimensional mostra que a descarbonização e a expansão do acesso a energias limpas avançarão na ação climática, mas também serão fundamentais para quase 600 milhões de pessoas pobres que ainda não têm acesso a eletricidade e combustível limpo para cozinhar.

O relatório destaca a necessidade de enfrentar as camadas de carências que geralmente andam de mãos dadas, incluindo:

- Mais de 50% das pessoas pobres, ou 593 milhões, carecem de eletricidade e combustível limpo para cozinhar.
- Quase 40% dos pobres, ou 437 milhões, não têm acesso à água potável e ao saneamento.
- Mais de 30% de pessoas na pobreza, ou 374 milhões, são privadas de nutrição, combustível para cozinhar, saneamento e habitação ao mesmo tempo.

O líder do Pnud, Achim Steiner, ressalta que essa análise multidimensional mostra que a descarbonização e a expansão do acesso a energias limpas avançarão na ação climática, mas também serão fundamentais para quase 600 milhões de pessoas pobres que ainda não têm acesso a eletricidade e combustível limpo para cozinhar.

O relatório destaca a necessidade de enfrentar as camadas de carências que geralmente andam de mãos dadas, incluindo:

- Mais de 50% das pessoas pobres, ou 593 milhões, carecem de eletricidade e combustível limpo para cozinhar.
- Quase 40% dos pobres, ou 437 milhões, não têm acesso à água potável e ao saneamento.
- Mais de 30% de pessoas na pobreza, ou 374 milhões, são privadas de nutrição, combustível para cozinhar, saneamento e habitação ao mesmo tempo.

O líder do Pnud, Achim Steiner, ressalta que essa análise multidimensional mostra que a descarbonização e a expansão do acesso a energias limpas avançarão na ação climática, mas também serão fundamentais para quase 600 milhões de pessoas pobres que ainda não têm acesso a eletricidade e combustível limpo para cozinhar.

Exemplos de combate à pobreza

O relatório apresenta histórias de sucesso em todo mundo, através do uso de estratégias integradas de redução da pobreza. Como o investimento do Nepal em saneamento que melhorou o acesso à água potável, nutrição infantil e mortalidade infantil por meio da redução da diarreia.

E na Índia, onde cerca de 415 milhões de pessoas deixaram a pobreza multidimensional em um período de 15 anos, uma mudança histórica.

O relatório apresenta histórias de sucesso em todo mundo, através do uso de estratégias integradas de redução da pobreza. Como o investimento do Nepal em saneamento que melhorou o acesso à água potável, nutrição infantil e mortalidade infantil por meio da redução da diarreia. E na Índia, onde cerca de 415 milhões de pessoas deixaram a pobreza multidimensional em um período de 15 anos, uma mudança histórica. O relatório apresenta histórias de sucesso em todo mundo, através do uso de estratégias integradas de redução da pobreza. Como o investimento do Nepal em saneamento que melhorou o acesso à água potável, nutrição infantil e mortalidade infantil por meio da redução da diarreia. E na Índia, onde cerca de 415 milhões de pessoas deixaram a pobreza multidimensional em um período de 15 anos, uma mudança histórica.

O relatório apresenta histórias de sucesso em todo mundo, através do uso de estratégias integradas de redução da pobreza. Como o investimento do Nepal em saneamento que melhorou o acesso à água potável, nutrição infantil e mortalidade infantil por meio da redução da diarreia. E na Índia, onde cerca de 415 milhões de pessoas deixaram a pobreza multidimensional em um período de 15 anos, uma mudança histórica.

O relatório apresenta histórias de sucesso em todo mundo, através do uso de estratégias integradas de redução da pobreza. Como o investimento do Nepal em saneamento que melhorou o acesso à água potável, nutrição infantil e mortalidade

infantil por meio da redução da diarreia. E na Índia, onde cerca de 415 milhões de pessoas deixaram a pobreza multidimensional em um período de 15 anos, uma mudança histórica. O relatório apresenta histórias de sucesso em todo mundo, através do uso de estratégias integradas de redução da pobreza. Como o investimento do Nepal em saneamento que melhorou o acesso à água potável, nutrição infantil e mortalidade infantil por meio da redução da diarreia. E na Índia, onde cerca de 415 milhões de pessoas deixaram a pobreza multidimensional em um período de 15 anos, uma mudança histórica.

O relatório apresenta histórias de sucesso em todo mundo, através do uso de estratégias integradas de redução da pobreza. Como o investimento do Nepal em saneamento que melhorou o acesso à água potável, nutrição infantil e mortalidade infantil por meio da redução da diarreia. E na Índia, onde cerca de 415 milhões de pessoas deixaram a pobreza multidimensional em um período de 15 anos, uma mudança histórica. O relatório apresenta histórias de sucesso em todo mundo, através do uso de estratégias integradas de redução da pobreza. Como o investimento do Nepal em saneamento que melhorou o acesso à água potável, nutrição infantil e mortalidade infantil por meio da redução da diarreia. E na Índia, onde cerca de 415 milhões de pessoas deixaram a pobreza multidimensional em um período de 15 anos, uma mudança histórica.

Crianças mais pobres em algumas regiões

Em um outro relatório, o Fundo das Nações Unidas para Infância, Unicef, analisa o impacto da guerra na Ucrânia e a desaceleração econômica na pobreza infantil na Europa Oriental e na Ásia Central, alertando que os efeitos em cascata do aumento podem resultar em um aumento grande no abandono escolar e na mortalidade infantil.

Dados de 22 países da região mostram que as crianças estão carregando o fardo mais pesado da crise econômica, consequência da invasão da Ucrânia pela Rússia em 24 de fevereiro.

Embora representem apenas 25% da população, eles representam quase 40% dos 10,4 milhões adicionais de pessoas forçadas à pobreza este ano. Em um outro relatório, o Fundo das Nações Unidas para Infância, Unicef, analisa o impacto da guerra na Ucrânia e a desaceleração econômica na pobreza infantil na Europa Oriental e na Ásia Central, alertando que os efeitos em cascata do aumento podem resultar em um aumento grande no abandono escolar e na mortalidade infantil.

Dados de 22 países da região mostram que as crianças estão carregando o fardo mais pesado da crise econômica, consequência da invasão da Ucrânia pela Rússia em 24 de fevereiro. Embora representem apenas 25% da população, eles representam quase 40% dos 10,4 milhões adicionais de pessoas forçadas à pobreza este ano. Em um outro relatório, o Fundo das Nações Unidas para Infância, Unicef, analisa o impacto da guerra na Ucrânia e a desaceleração econômica na pobreza infantil na Europa Oriental e na Ásia Central, alertando que os efeitos em cascata do aumento podem resultar em um aumento grande no abandono escolar e na mortalidade infantil. Dados de 22 países da região mostram que as crianças estão carregando o fardo mais pesado da crise econômica, consequência da invasão da Ucrânia pela Rússia em 24 de fevereiro.

Embora representem apenas 25% da população, eles representam quase 40% dos 10,4 milhões adicionais de pessoas forçadas à pobreza este ano. Em um outro relatório, o Fundo das Nações Unidas para Infância, Unicef, analisa o impacto da guerra na Ucrânia e a desaceleração econômica na pobreza infantil na Europa Oriental e na Ásia Central, alertando que os efeitos em cascata do aumento podem resultar em um aumento grande no abandono escolar e na mortalidade infantil. Dados de 22 países da região mostram que as crianças estão carregando o fardo mais pesado da crise econômica, consequência da invasão da Ucrânia pela Rússia em 24 de fevereiro. Embora representem apenas 25% da população, eles representam quase 40% dos 10,4 milhões adicionais de pessoas forçadas à pobreza este ano. Em um outro relatório, o Fundo das Nações Unidas para Infância, Unicef, analisa o impacto da guerra na Ucrânia e a desaceleração econômica na pobreza infantil na Europa Oriental e na Ásia Central, alertando que os efeitos em cascata do aumento podem resultar em um aumento grande no abandono escolar e na mortalidade infantil.

Dados de 22 países da região mostram que as crianças estão carregando o fardo mais pesado da crise econômica, consequência da invasão da Ucrânia pela Rússia em 24 de fevereiro. Embora representem apenas 25% da população, eles representam quase 40% dos 10,4 milhões adicionais de pessoas forçadas à pobreza este ano. Em um outro relatório, o Fundo das Nações Unidas para Infância, Unicef, analisa o impacto da guerra na Ucrânia e a desaceleração econômica na pobreza infantil na Europa Oriental e na Ásia Central, alertando que os efeitos em cascata do aumento podem resultar em um aumento grande no abandono escolar e na mortalidade infantil. Dados de 22 países da região mostram que as crianças estão carregando o fardo mais pesado da crise econômica, consequência da invasão da Ucrânia pela Rússia em 24 de fevereiro. Embora representem apenas 25% da população, eles representam quase 40% dos 10,4 milhões adicionais de pessoas forçadas à pobreza este ano.

Em um outro relatório, o Fundo das Nações Unidas para Infância, Unicef, analisa o impacto da guerra na Ucrânia e a desaceleração econômica na pobreza infantil na Europa Oriental e na Ásia Central, alertando que os efeitos em cascata do aumento podem resultar em um aumento grande no abandono escolar e na mortalidade infantil. Dados de 22 países da região mostram que as crianças estão carregando o fardo mais pesado da crise econômica, consequência da invasão da Ucrânia pela Rússia em 24 de fevereiro. Embora representem apenas 25% da população, eles representam quase 40% dos 10,4 milhões adicionais de pessoas forçadas à pobreza este ano. Em um outro relatório, o Fundo das Nações Unidas para Infância, Unicef, analisa o impacto da guerra na Ucrânia e a desaceleração econômica na pobreza infantil na Europa Oriental e na Ásia Central, alertando que os efeitos em cascata do aumento podem resultar em um aumento grande no abandono escolar e na mortalidade infantil. Dados de 22 países da região mostram que as crianças estão carregando o fardo mais pesado da crise econômica, consequência da invasão da Ucrânia pela Rússia em 24 de fevereiro. Embora representem apenas 25% da população, eles representam quase 40% dos 10,4 milhões adicionais de pessoas forçadas à pobreza este ano.

Consequências do conflito na Ucrânia

Provocada pela guerra na Ucrânia e uma crise de custo de vida em toda a região, a Rússia responde por quase três quartos do aumento da pobreza infantil, com mais 2,8 milhões agora vivendo em lares abaixo da linha da pobreza.

A Ucrânia abriga mais meio milhão de crianças que vivem na pobreza, a segunda maior parcela, seguida pela Romênia, onde houve um aumento de 110 mil.

De acordo com o estudo, as consequências da pobreza infantil vão muito além das famílias que vivem em dificuldades financeiras.

O aumento pode resultar em mais 4,5 mil bebês morrendo antes do primeiro aniversário e perdas de aprendizado podem significar mais 117 mil abandonando a escola somente este ano. Provocada pela guerra na Ucrânia e uma crise de custo de vida em toda a região, a Rússia responde por quase três quartos do aumento da pobreza infantil, com mais 2,8 milhões agora vivendo em lares abaixo da linha da pobreza.

A Ucrânia abriga mais meio milhão de crianças que vivem na pobreza, a segunda maior parcela, seguida pela Romênia, onde houve um aumento de 110 mil.

De acordo com o estudo, as consequências da pobreza infantil vão muito além das famílias que vivem em dificuldades financeiras.

O aumento pode resultar em mais 4,5 mil bebês morrendo antes do primeiro aniversário e perdas de aprendizado podem significar mais 117 mil abandonando a escola somente este ano.

Provocada pela guerra na Ucrânia e uma crise de custo de vida em toda a região, a Rússia responde por quase três quartos do aumento da pobreza infantil, com mais 2,8 milhões agora vivendo em lares abaixo da linha da pobreza.

A Ucrânia abriga mais meio milhão de crianças que vivem na pobreza, a segunda maior parcela, seguida pela Romênia, onde houve um aumento de 110 mil.

De acordo com o estudo, as consequências da pobreza infantil vão muito além das famílias que vivem em dificuldades financeiras.

O aumento pode resultar em mais 4,5 mil bebês morrendo antes do primeiro aniversário e perdas de aprendizado podem significar mais 117 mil abandonando a escola somente este ano.

Provocada pela guerra na Ucrânia e uma crise de custo de vida em toda a região, a Rússia responde por quase três quartos do aumento da pobreza infantil, com mais 2,8 milhões agora vivendo em lares abaixo da linha da pobreza.

A Ucrânia abriga mais meio milhão de crianças que vivem na pobreza, a segunda maior parcela, seguida pela Romênia, onde houve um aumento de 110 mil.

De acordo com o estudo, as consequências da pobreza infantil vão muito além das famílias que vivem em dificuldades financeiras.

O aumento pode resultar em mais 4,5 mil bebês morrendo antes do primeiro aniversário e perdas de aprendizado podem significar mais 117 mil abandonando a escola somente este ano.

Provocada pela guerra na Ucrânia e uma crise de custo de vida em toda a região, a Rússia responde por quase três quartos do aumento da pobreza infantil, com mais 2,8 milhões agora vivendo em lares abaixo da linha da pobreza.

A Ucrânia abriga mais meio milhão de crianças que vivem na pobreza, a segunda maior parcela, seguida pela Romênia, onde houve um aumento de 110 mil.

De acordo com o estudo, as consequências da pobreza infantil vão muito além das famílias que vivem em dificuldades financeiras. O aumento pode resultar em mais 4,5 mil bebês morrendo antes do primeiro aniversário e perdas de aprendizado podem significar mais 117 mil abandonando a escola somente este ano.

O avanço global na redução da pobreza extrema está estagnado

Segundo um novo estudo do Banco Mundial, é improvável que o mundo consiga atingir a meta de erradicação da pobreza extrema até 2030 na ausência de taxas de crescimento econômico que mudem o rumo da história até o final desta década. Esse estudo considera que a Covid-19 causou o maior revés nos esforços globais para a redução da pobreza desde 1990, e a guerra da Ucrânia ameaça piorar a situação.

O mais recente relatório do Banco, *Poverty and Shared Prosperity* (Pobreza e Prosperidade Compartilhada, em tradução livre) oferece a primeira análise completa do cenário global da pobreza após a inesperada onda de choques que afetaram a economia global ao longo dos últimos anos. O relatório estima que a pandemia levou aproximadamente 70 milhões de pessoas à pobreza extrema em 2020, o maior aumento ocorrido em um ano desde o início de seu monitoramento global em 1990. Isso levou aproximadamente 719 milhões de pessoas a subsistirem com menos de US \$2,15 por dia no final de 2020.

O avanço rumo a redução da pobreza extrema foi praticamente interrompido pelo quase imperceptível crescimento econômico global”, disse o presidente do Grupo Banco Mundial, David Malpass. “Diante de nossa missão, nos preocupa o aumento na pobreza extrema e o declínio na prosperidade compartilhada resultantes da inflação, da depreciação de moedas, e das crises mais amplas e sobrepostas que desafiam o desenvolvimento. Isso gera uma perspectiva sombria para bilhões de pessoas em todo o mundo. As políticas macroeconômicas devem ser ajustadas visando melhorar a alocação de capital global, promoção da estabilidade das moedas, redução da inflação, e retomada do crescimento da renda mediana. A alternativa é o status quo – desaceleração do crescimento global, taxas de juros mais altas, maior aversão ao risco e fragilidade em diversos países em desenvolvimento.

O relatório aponta que 2020 foi o marco de uma reviravolta histórica—quando a era da convergência global de renda sucumbiu à divergência. As pessoas mais pobres pagaram o preço mais alto da pandemia: as perdas de renda atingiram 4% em média para os 40% mais pobres, o dobro das perdas dos 20% mais ricos em termos de distribuição de renda. Consequentemente, a desigualdade global aumentou pela primeira vez em décadas.

Medidas de política fiscal robustas fizeram uma diferença significativa na redução do impacto da Covid-19 sobre a pobreza. Na verdade, a taxa média de pobreza nas economias em desenvolvimento teria sido 2,4 pontos percentuais mais alta sem as medidas fiscais. No entanto, os gastos públicos foram muito mais favoráveis à redução

da pobreza nos países mais ricos, que conseguiram, de modo geral, neutralizar totalmente os impactos da Covid-19 sobre a pobreza por meio de políticas fiscais e outras medidas assistenciais emergenciais. As economias em desenvolvimento dispunham de menos recursos e, portanto, gastaram menos e tiveram menor impacto; as economias de renda média-alta neutralizaram apenas 50% do impacto sobre a pobreza, e as economias de renda baixa e média-baixa neutralizaram cerca de um quarto do impacto.

“Ao longo da próxima década, será fundamental investir em melhorar os índices de saúde e educação para as economias em desenvolvimento, considerando as graves perdas de aprendizagem e as dificuldades enfrentadas na área de saúde durante a pandemia,” disse Indermit Gill, Economista-Chefe e Vice-Presidente Sênior para Economia do Desenvolvimento do Banco Mundial. “Em tempos de dívida recorde e escassez de recursos fiscais, isso não será fácil. Os governos precisarão concentrar os seus recursos na construção do capital humano e na maximização do crescimento.”

O novo relatório é o primeiro a oferecer dados atuais e históricos sobre a nova linha de pobreza extrema global, que foi ajustada para US\$2,15 por dia para refletir os últimos dados de paridade de poder de compra de 2017. A pobreza extrema foi drasticamente reduzida em todo o mundo entre 1990 e 2019, o último ano para o qual há dados oficiais disponíveis. Mas o progresso desacelerou após 2014, e os formuladores de políticas enfrentam agora um ambiente mais complexo: a pobreza extrema está concentrada em locais onde será mais difícil erradicá-la—na África Subsaariana, nas áreas afetadas por conflitos e nas áreas rurais.

A África Subsaariana concentra atualmente 60% de todas as pessoas em situação de pobreza extrema — 389 milhões, mais do que em qualquer outra região. A taxa de pobreza na região gira em torno de 35%, a mais alta do mundo. Para alcançar a meta de 2030, cada país na região deveria apresentar um crescimento de 9% ao ano no PIB per capita até o fim desta década. Isso é um tremendo obstáculo para países cujo crescimento da renda per capita girou em torno de 1,2%, em média, na década anterior à Covid-19.

Segundo o relatório, as reformas de políticas públicas nacionais podem ajudar a retomar os avanços na redução da pobreza. A intensificação da cooperação global também será necessária. Em termos de política fiscal, os governos devem agir prontamente em três frentes:

Evitar subsídios gerais, aumentar transferências de renda direcionadas: Metade de todos os gastos em subsídios energéticos nas economias de renda baixa e média vai para os 20% mais ricos da população que consomem mais energia. As transferências de renda são um mecanismo muito mais eficaz para assistir os grupos pobres e vulneráveis.

Concentrar-se no crescimento a longo prazo: Investimentos de alto retorno em educação, pesquisa e desenvolvimento, e projetos de infraestrutura precisam ser feitos imediatamente. Dada a escassez de recursos, será fundamental aumentar a eficiência dos gastos e se preparar melhor para as próximas crises.

Alocar as receitas internas sem prejudicar os pobres. Impostos sobre a propriedade e sobre o carbono podem ajudar a aumentar a receita sem afetar os mais

pobres, assim como a ampliação da base dos impostos de renda de pessoa física e de pessoa jurídica. Se for realmente necessário aumentar impostos, como o ICMS e o IPI, os governos devem minimizar as distorções econômicas e os impactos negativos da distribuição ao usar simultaneamente as transferências de renda direcionadas para neutralizar os seus efeitos sobre os mais vulneráveis.

A pobreza pode ser entendida em vários sentidos, principalmente:

Carência real; tipicamente envolvendo as necessidades da vida cotidiana como alimentação, vestuário, alojamento e cuidados de saúde. Pobreza neste sentido pode ser entendida como a carência de bens e serviços essenciais.

Falta de recursos econômicos; nomeadamente a carência de rendimento ou riqueza (não necessariamente apenas em termos monetários). As medições do nível econômico são baseadas em níveis de suficiência de recursos ou em "rendimento relativo". A União Europeia, nomeadamente, identifica a pobreza em termos de "distância econômica" relativamente a 60% do rendimento mediano da sociedade.

Carência social; como a exclusão social, a dependência e a incapacidade de participar na sociedade. Isto inclui a educação e a informação. As relações sociais são elementos chave para compreender a pobreza pelas organizações internacionais, as quais consideram o problema da pobreza para lá da economia.

Apesar de a pobreza mais severa se encontrar nos países subdesenvolvidos, esta existe em todas as regiões. Nos países desenvolvidos, manifesta-se na existência de sem-abrigo e de subúrbios pobres. A pobreza pode ser vista como uma condição coletiva de pessoas pobres, grupos e mesmo de nações. Para evitar este estigma, essas nações são chamadas normalmente países em desenvolvimento.

A pobreza pode ser absoluta ou relativa. A pobreza absoluta refere-se a um nível que é consistente ao longo do tempo e entre países. Um exemplo de um indicador de pobreza absoluta é a percentagem de pessoas com uma ingestão diária de calorias inferior ao mínimo necessário (aproximadamente 2 000/2 500 quilocalorias).

O Banco Mundial define a pobreza extrema como viver com menos de 1 dólar dos Estados Unidos por dia (em paridade do poder de compra) e pobreza moderada como viver com entre 1 e 2 dólares dos Estados Unidos por dia. Estima-se que 1 bilhão e 100 milhões de pessoas a nível mundial tenham níveis de consumo inferiores a 1 dólar dos Estados Unidos por dia e que 2 bilhões e 700 milhões tenham um nível inferior a 2 dólares dos Estados Unidos.

A percentagem da população dos países em desenvolvimento a viver na pobreza extrema diminuiu de 28 para 21 por cento entre 1990 e 2001. Essa redução deu-se fundamentalmente na Ásia Oriental e do Sul. Na África subsaariana (parte sul do continente africano), o produto interno bruto per capita diminuiu 14% e o número de pessoas a viver em pobreza extrema aumentou de 41% para 44% entre 1981 e 2001. Outras regiões conheceram poucas ou nenhuma melhoria. No início dos anos 1990, as economias da Europa de Leste e da Ásia Central registraram reduções acentuadas no rendimento. As taxas de pobreza extrema chegaram aos 6%, antes de começarem a diminuir no final da década.

Outros indicadores relativos à pobreza estão também a melhorar. A esperança de vida aumentou substancialmente nos países em desenvolvimento após a Segunda

Guerra Mundial e diminuíram a diferença face aos países desenvolvidos onde o progresso foi menor. Até na África subsariana, a região menos desenvolvida, a esperança de vida aumentou de 30 anos antes da guerra para 50 anos, antes de a pandemia da SIDA e outras doenças a terem feito recuar para o valor atual de 47 anos. A mortalidade infantil, por seu lado, diminuiu em todas as regiões.

A proporção da população mundial a viver em países onde a ingestão média de calorias é inferior a 2 200 por dia diminuiu de 56% em meados dos anos 1960 para menos de 10% nos anos 1990.

Entre 1950 e 1999, a literacia mundial aumentou de 52% para 81%, tendo o crescimento da literacia feminina (que passou de 59% para 80%) sido responsável pela maior parte melhoria.

A percentagem das crianças fora da força de trabalho passou de 76% para 90% entre 1960 e 2000. As tendências relativas ao consumo de eletricidade, aquisição de automóveis, rádios e telefones foram semelhantes, bem como as relativas ao acesso a água potável. Também a desigualdade económica parece ter vindo a diminuir a nível global. A pobreza relativa é vista como dependente do contexto social e acaba por em grande medida ser uma medida de desigualdade. Assim, o número de pessoas pobres pode aumentar enquanto que o seu rendimento sobe.

Há diversos indicadores de desigualdade, como, por exemplo, o coeficiente de Gini.

Em muitos países, a definição oficial de pobreza é baseada no rendimento relativo e por essa razão alguns críticos argumentam que as estatísticas medem mais a desigualdade do que as carências materiais. Por exemplo: de acordo com o Gabinete de Censos dos Estados Unidos, 46% dos "pobres" desse país têm casa própria, tendo as casas dos pobres, em média, 3 quartos de dormir, 1,5 casa de banho e garagem. Além disso, as estatísticas são normalmente baseadas no rendimento anual das pessoas sem considerar a sua riqueza. Os limiares de pobreza usadas pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico e pela União Europeia baseiam-se na distância económica relativamente a uma determinada percentagem do nível mediano de consumo.

Produto interno bruto (em paridade de poder de compra) per capita dos países em 2007 conforme o CIA Factbook

A linha de pobreza nos Estados Unidos é mais arbitrária. Foi criada em 1963-64 e corresponde a um "plano económico de alimentação" (nível mínimo recomendável de despesas com alimentação) multiplicado por 3.

Contudo, mesmo estando a diminuir, a pobreza global é ainda um problema enorme e dramático:

Todos os anos, cerca de 18 milhões de pessoas (50 mil por dia) morrem por razões relacionadas com a pobreza, sendo a maioria mulheres e crianças.

Todos os anos, cerca de 11 milhões de crianças morrem antes de completarem 5 anos.

1 bilhão e 100 milhões de pessoas, cerca de um sexto da humanidade, vive com menos de 1 dólar dos Estados Unidos por dia.

Mais de 800 milhões de pessoas estão subnutridas.

Medição da Pobreza no Brasil

Segundo dados de 2010, o Brasil tinha cerca de 8,5% de sua população vivendo em condições de pobreza, incluindo pessoas extremamente pobres, que compunham 2,5% da população total do país no mesmo período. Naquele ano, a percentagem pobre (incluindo extremamente pobres) representava 16,27 milhões de habitantes (números absolutos) Destes, 4,8 milhões eram considerados "extremamente pobres". Embora tal incidência sobre a população absoluta brasileira tenha caído pela metade entre 2002 e 2010, o número total de pessoas vivendo na pobreza no país ainda é significativo, mais numeroso do que toda a população de países como Portugal, Grécia e Camboja. Abaixo, a incidência de pobreza em 2010 no Brasil por unidade federativa, segundo dados do Atlas 2013.

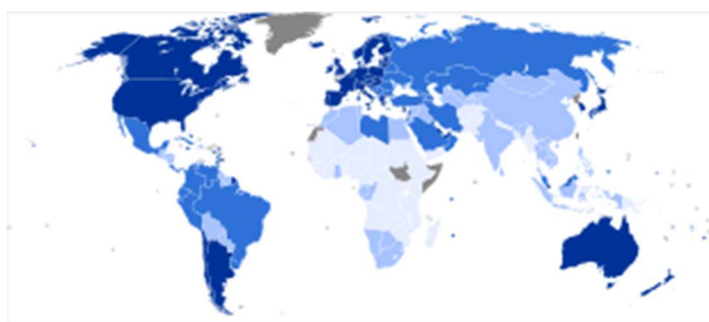


Figura 3-Mapa-múndi indicando o Índice de Desenvolvimento Humano



Figura 4-Expectativa de vida ao nascer (2005-2010)

Tabela 1- Proporção de habitantes com renda domiciliar per capita igual ou inferior a R\$ 140,00 mensais

Unidade Federativa	% de Pobres	%de Extremamente Pobres
Acre	29,46	15,59
Alagoas	34,29	16,66
Amapá	24,07	9,93
Amazonas	30,78	16,43
Bahia	28,72	13,79
Ceará	30,32	14,69
Distrito Federal	4,93	1,19

Causas da pobreza

A pobreza não resulta de uma única causa mas de um conjunto de fatores:

Fatores político-legais: corrupção, inexistência ou mau funcionamento de um sistema democrático.

Fatores econômicos: sistema fiscal inadequado, representando um peso excessivo sobre a economia ou sendo socialmente injusto; a própria pobreza, que prejudica o investimento e o desenvolvimento, economia dependente de um único produto.

Fatores socioculturais: reduzida instrução, discriminação social relativa ao gênero ou à raça, valores predominantes na sociedade, exclusão social, crescimento muito rápido da população.

Fatores naturais: desastres naturais, climas ou relevos extremos, doenças.

Problemas de Saúde: adição a drogas ou alcoolismo, doenças mentais, doenças da pobreza como a SIDA e a malária; deficiências físicas.

Fatores históricos: colonialismo, passado de autoritarismo político.

Insegurança: guerra, genocídio, crime.

Consequências da pobreza

Mendigo procurando por abrigo nas ruas do Centro de São Paulo

Muitas das consequências da pobreza são também causas da mesma criando o ciclo da pobreza. Algumas delas são:

Fome.

Baixa esperança de vida.

Doenças.

Falta de oportunidades de emprego.

Carência de água potável e de saneamento.

Maiores riscos de instabilidade política e violência.

Emigração.

Existência de discriminação social contra grupos vulneráveis.

Existência de pessoas sem-abrigo.

Depressão econômica

Estudos científicos, indicam que a pobreza pode ter um impacto tão negativo na saúde humana quanto doenças como obesidade, alcoolismo e hipertensão.

Eliminação da pobreza

O combate à pobreza é normalmente considerado um objetivo social e geralmente os governos dedicam-lhe uma atenção significativa. É acabar com a desigualdade social. O combate à pobreza é normalmente considerado um objetivo

O combate à pobreza é normalmente considerado um objetivo social e geralmente os governos dedicam-lhe uma atenção significativa. É acabar com a desigualdade social.

O combate à pobreza é normalmente considerado um objetivo social e geralmente os governos dedicam-lhe uma atenção significativa. É acabar com a desigualdade social.

O combate à pobreza é normalmente considerado um objetivo social e geralmente os governos dedicam-lhe uma atenção significativa. É acabar com a desigualdade social. O combate à pobreza é normalmente considerado um objetivo social e geralmente os governos dedicam-lhe uma atenção significativa. É acabar com a desigualdade social.

Desenvolvimento econômico

O PIB per capita mundial começou a aumentar rapidamente a partir da Revolução industrial.

A estratégia do Banco Mundial contra a pobreza depende grandemente da promoção do desenvolvimento econômico, embora países desenvolvidos também tenham muita pobreza. O Banco Mundial defende com base em vários estudos que:

O desenvolvimento econômico é fundamental para a redução da pobreza e em princípio não cria desigualdades.

O desenvolvimento acompanhado de políticas sociais é melhor do que apenas crescimento.

Uma desigualdade inicial elevada prejudica a redução da pobreza no futuro.

A pobreza é ela própria uma barreira à sua própria diminuição.

Índices internacionais como o Relatório Global da Competitividade, o Índice da Facilidade em Realizar Negócios ou o Índice de Liberdade Econômica sugerem uma série de condições que ajudam a aumentar o desenvolvimento e a reduzir a pobreza.

Muitos empresários e acadêmicos defendem a redução das barreiras para a criação de empresas e a redução das limitações à sua atividade são fatores importantes para a criação de emprego e para trazer mais pessoas para a economia formal.

Os governos podem ajudar os necessitados. Nos países ocidentais, durante o Predefinição: Sé foram implementadas numerosas medidas que construíram o chamado Estado social, beneficiando especialmente os idosos e as pessoas com deficiência.

A caridade particular é também muito importante, sendo muitas vezes encorajada pelos governos.

Segundo o Banco Mundial o Brasil conseguiu praticamente eliminar a pobreza extrema no país. A última pesquisa que revelou esse fato diz que entre 2001 e 2013 a pobreza caiu de 10% para 4%. Segundo o estudo “Prosperidade Compartilhada e Erradicação da Pobreza na América Latina e Caribe”, a renda dos brasileiros também subiu 60% entre 1990 e 2009.

Outras abordagens

A maioria dos países desenvolvidos enviam ajuda para as nações em desenvolvimento. Sondagens mostram que, em média, os norte-americanos acreditam que 24% do Orçamento Federal se destina ao apoio ao desenvolvimento. Na verdade, menos de 1% tem esse fim.

De acordo com o Projeto Borgen o custo anual de eliminar a fome é de 19 mil milhões de dólares. Por comparação, o governo norte-americano gasta 420 mil milhões em defesa.

Há, contudo, quem critique a ajuda internacional ao desenvolvimento alegando que cria ainda mais pobreza e desigualdade, tanto por estar condicionada à aplicação de políticas económicas prejudiciais nos países recetores como por estar ligada à importação de produtos dos países doadores em vez de alternativas mais económicas, o que constituiria uma forma de beneficiar empresas sob a forma de ajuda internacional.

Outros defendem que a corrupção dos governantes dos países pobres acaba por subverter os objetivos da ajuda, impedindo a criação de oportunidades e a melhoria da vida dos pobres.

Muitos países pobres desenvolveram estratégias de redução da pobreza e as desigualdades pode ser reduzida através de impostos progressivos e transferências do Estado.

Alguns sugerem uma mudança radical de sistema económico e há muitas propostas para uma alteração fundamental das relações económicas que, segundo os seus proponentes, diminuiriam ou mesmo eliminariam a pobreza completamente.

Algumas destas propostas foram apresentadas por grupos como como socialistas, comunistas, anarquistas ou libertários.

No direito tem havido iniciativas no sentido de estabelecer a ausência de pobreza como um dos direitos humanos.

No seu livro *O Fim da Pobreza*, o economista de renome mundial Jeffrey Sachs, sem embarcar em ideologias radicais, apresenta um plano lúcido para erradicar a pobreza extrema a nível mundial pelo ano de 2025. Seguindo a sua doutrina, várias organizações internacionais estão a trabalhar com o objetivo de eliminar a pobreza colaborando com os governos e outros parceiros utilizando intervenções nas áreas da habitação, alimentação, educação, cuidados de saúde, agricultura, água potável, transportes e comunicações.

Debates sobre a pobreza

As primeiras causas da pobreza e a sua eliminação são uma questão altamente controversa e politizada. A direita costuma olhar para fatores estruturais que impedem o crescimento económico como a fraca proteção dos direitos de propriedade, a falta de um sistema de crédito, o crime, a corrupção e a regulamentação prejudicial que prejudica a eficiência económica.

As opiniões mais à esquerda vêem a pobreza como o resultado de diferentes fatores sistêmicos. Por exemplo pode considerar-se que esta é causada pela carência de oportunidades (nomeadamente de educação) e que é a falta de intervenção

governamental que causa maior pobreza. Também segundo esta corrente de pensamento, o alívio da pobreza é uma questão de justiça social. A pobreza também é vista como expressão da questão social vinda do conflito capital X trabalho, que teria fim com o fim da exploração da mão de obra, e do exército de reserva inerente ao modo de produção capitalista.

As primeiras causas da pobreza e a sua eliminação são uma questão altamente controversa e politizada. A direita costuma olhar para fatores estruturais que impedem o crescimento econômico como a fraca proteção dos direitos de propriedade, a falta de um sistema de crédito, o crime, a corrupção e a regulamentação prejudicial que prejudica a eficiência econômica.

As opiniões mais à esquerda vêem a pobreza como o resultado de diferentes fatores sistêmicos. Por exemplo pode considerar-se que esta é causada pela carência de oportunidades (nomeadamente de educação) e que é a falta de intervenção governamental que causa maior pobreza. Também segundo esta corrente de pensamento, o alívio da pobreza é uma questão de justiça social. A pobreza também é vista como expressão da questão social vinda do conflito capital X trabalho, que teria fim com o fim da exploração da mão de obra, e do exército de reserva inerente ao modo de produção capitalista.

As primeiras causas da pobreza e a sua eliminação são uma questão altamente controversa e politizada. A direita costuma olhar para fatores estruturais que impedem o crescimento econômico como a fraca proteção dos direitos de propriedade, a falta de um sistema de crédito, o crime, a corrupção e a regulamentação prejudicial que prejudica a eficiência econômica.

As opiniões mais à esquerda vêem a pobreza como o resultado de diferentes fatores sistêmicos. Por exemplo pode considerar-se que esta é causada pela carência de oportunidades (nomeadamente de educação) e que é a falta de intervenção governamental que causa maior pobreza. Também segundo esta corrente de pensamento, o alívio da pobreza é uma questão de justiça social. A pobreza também é vista como expressão da questão social vinda do conflito capital X trabalho, que teria fim com o fim da exploração da mão de obra, e do exército de reserva inerente ao modo de produção capitalista.

Pobreza e religião

São Francisco de Assis renuncia aos seus bens terrenos numa pintura atribuída a Giotto di Bondone

Entre alguns grupos, nomeadamente os religiosos, a pobreza é considerada como necessária e desejável, e deve ser aceita para alcançar um certo nível espiritual, moral ou intelectual.

A pobreza é considerada como um elemento essencial de renúncia por budistas e jainistas enquanto que para o catolicismo romano é um princípio evangélico e é assumido como um voto por várias ordens religiosas. A pobreza é entendida de várias formas consoante as ordens; a ordem franciscana, nomeadamente abandona tradicionalmente todas as formas de posse de bens. O mesmo defende a Regra de São Bento. Contudo alguns mosteiros possuíam bens e alguns tornaram-se bastante abastados.

Estas opiniões face à riqueza e à pobreza baseiam-se na doutrina do catolicismo que considerava as riquezas como um dos obstáculos à fé e ao comportamento moral e a pobreza voluntária é normalmente entendida como um benefício para o indivíduo, uma forma de auto-disciplina através do qual as pessoas se aproximam de Deus.

Quanto à ajuda aos necessitados, esta faz normalmente parte das doutrinas religiosas. No Islão a caridade é um dos Cinco Pilares e no Cristianismo, no seguimento da doutrina de Jesus de auxílio e de emancipação dos pobres, foram desenvolvidas vastas estruturas e organizações de caridade, entre elas as missões nos países pobres, e as igrejas incentivam as pessoas a praticar a caridade cotidianamente.

Pobreza ou miséria

Pobreza pode ser conceituada como a falta de recursos monetários para a aquisição de bens e serviços essenciais a uma vida "normal". Miséria seria uma pobreza tão extrema que suas vítimas não dispõem de dinheiro sequer para adquirir uma quantidade mínima de alimentos e outras coisas essenciais à mera sobrevivência.

Este relatório apresenta uma atualização compacta sobre o estado da pobreza multidimensional (doravante denominada "pobreza") no mundo. Ele compila dados de 110 países em desenvolvimento, abrangendo 6,1 bilhões de pessoas, representando 92% da população dos países em desenvolvimento. Ele conta uma história importante e persistente sobre como a pobreza prevalece no mundo e fornece informações sobre a vida dos pobres, suas privações e quão intensa é sua pobreza - para informar e acelerar os esforços para acabar com a pobreza em todas as suas formas. Como apenas alguns países ainda possuem dados posteriores à pandemia de COVID-19, o relatório pede urgentemente dados multidimensionais atualizados sobre a pobreza. E, ao mesmo tempo em que fornece um balanço anual preocupante da pobreza global, o relatório também destaca exemplos de sucesso em todas as regiões.

Mais 250 milhões de pessoas em pobreza extrema até ao final do ano. "A mais profunda queda da humanidade na pobreza de que há memória"

A subida dos preços da alimentação e da energia, causada pela invasão russa da Ucrânia, pode atirar mais 250 milhões de pessoas para a pobreza extrema em todo o mundo até ao fim do ano, alerta a organização humanitária Oxfam. São necessárias "ações radicais" para evitar esse cenário, diz a entidade.

1,3 bilhão de pessoas vivem na pobreza; grupos étnicos e mulheres são os mais afetados

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, Pnud, divulgou nesta quinta-feira um relatório sobre os níveis de pobreza no mundo. Os resultados apontam que 1,3 bilhão de pessoas vivem na pobreza.

O estudo traz um retrato multidimensional dos civis que vivem com dificuldades, levando em conta múltiplos fatores, como acesso à saúde, educação, água potável, entre outros.

Angola é apontada como exemplo dos efeitos da mudança climática, com quase 7 milhões de pessoas com fome por causa da pior seca em 40 anos.

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, Pnud, divulgou nesta quinta-feira um relatório sobre os níveis de pobreza no mundo. Os resultados apontam que 1,3 bilhão de pessoas vivem na pobreza.

O estudo traz um retrato multidimensional dos civis que vivem com dificuldades, levando em conta múltiplos fatores, como acesso à saúde, educação, água potável, entre outros.

Angola é apontada como exemplo dos efeitos da mudança climática, com quase 7 milhões de pessoas com fome por causa da pior seca em 40 anos.

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, Pnud, divulgou nesta quinta-feira um relatório sobre os níveis de pobreza no mundo. Os resultados apontam que 1,3 bilhão de pessoas vivem na pobreza.

O estudo traz um retrato multidimensional dos civis que vivem com dificuldades, levando em conta múltiplos fatores, como acesso à saúde, educação, água potável, entre outros.

Angola é apontada como exemplo dos efeitos da mudança climática, com quase 7 milhões de pessoas com fome por causa da pior seca em 40 anos.

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, Pnud, divulgou nesta quinta-feira um relatório sobre os níveis de pobreza no mundo. Os resultados apontam que 1,3 bilhão de pessoas vivem na pobreza.

O estudo traz um retrato multidimensional dos civis que vivem com dificuldades, levando em conta múltiplos fatores, como acesso à saúde, educação, água potável, entre outros.

Angola é apontada como exemplo dos efeitos da mudança climática, com quase 7 milhões de pessoas com fome por causa da pior seca em 40 anos.

Lusofonia

De acordo com o relatório da agência das Nações Unidas, Angola e Moçambique possuem mais de metade da população em cenário de vulnerabilidade.

Mais de 16 milhões de angolanos foram considerados multidimensionalmente pobres, o que equivale a 51,1% da população total. Outros 15,5% são considerados em risco de pobreza.

Já em Moçambique, o número supera os 70%. São mais de 22 milhões de pessoas em dificuldade. Desses, 63% vivem abaixo da linha de pobreza.

Os dados reforçam outro achado do relatório, que indica que mais da metade das pessoas nesta situação estão na África Subsaariana.

Os resultados de São Tomé e Príncipe ficaram na casa dos 11% e do Brasil, em 3,8%.

Pandemia empurrou 120 milhões de pessoas para a pobreza em 2020

Principais resultados

No lançamento do relatório, o Pnud destacou a vulnerabilidade de grupos étnicos. O número aponta que pelo menos 90% de seus integrantes vivem com grandes privações.

Ao citar o exemplo da América Latina, o Pnud afirma que os povos indígenas estão entre os mais pobres. Na Bolívia, as comunidades representam cerca de 44% da população. Entre elas, 75% das pessoas são consideradas multidimensionalmente pobres.

O representante do Pnud, Achim Steiner, afirmou que “a pandemia de Covid-19 corroeu o progresso do desenvolvimento em todo o mundo”.

Segundo ele, os achados do relatório reforçam a necessidade de uma visão completa de como as pessoas são afetadas pela pobreza para assim “construir um futuro melhor” e projetar respostas eficazes.

Gênero

O relatório também indica uma disparidade entre meninos e meninas. Os dados mostram que, em todo o mundo, cerca de dois terços das pessoas mais vulneráveis vivem em moradias em que nenhuma menina completou seis anos de estudo.

O relatório também constata que essas elas estão mais expostas a sofrerem violência de seus parceiros.

Dados

O Pnud ainda destaca que cerca de metade das pessoas em situação de pobreza são menores de 18 anos.

Entre os mais de 1 bilhão de pessoas vulneráveis, 67% vivem em países de renda média.

Quase a totalidade do grupo não possui meios adequados de preparar alimentos e vive sem saneamento básico.

O estudo revela que 788 milhões vivem em locais com pelo menos uma pessoa desnutrida e 568 milhões precisam caminhar mais de 30 minutos para acessarem fontes de água potável.

A UNICEF diz que há mais de 330 milhões de crianças a viverem em pobreza extrema, em todo o mundo. Mais de 90% destas residem na África subsariana ou no sul da Ásia.

Segundo a UNICEF, uma em cada seis crianças, sobrevive com menos de dois euros por dia. Dois euros, nos países mais ricos do mundo, na Europa e na América do Norte, por exemplo, não chegam sequer para comprar uma sanduíche simples e um copo de leite. Mas, para os mais de 330 milhões de menores que vivem em pobreza extrema, são tudo o que têm para se alimentarem durante um dia inteiro.

Apesar de ter havido uma melhoria na última década, as consequências económicas da pandemia de covid-19, levaram a que muitas famílias deixassem de ter

rendimentos e os mais novos são os mais vulneráveis, sempre que há uma diminuição do dinheiro que entra em casa.

Passada a pandemia, neste momento, as guerras e as alterações climáticas são os fatores que mais contribuem para o agravar da situação. Globalmente, apesar de serem apenas um terço da população mundial, as crianças são metade dos que vivem em pobreza extrema.

As crianças que vivem nos meios rurais, ou em famílias onde o pai ou a mãe não foram à escola, são as mais pobres de todos os pobres. A continuar assim, a ONU diz que a falha em erradicar a pobreza infantil é um terrível erro coletivo em termos de direitos humanos.

O Pnud ainda destaca que cerca de metade das pessoas em situação de pobreza são menores de 18 anos.

Entre os mais de 1 bilhão de pessoas vulneráveis, 67% vivem em países de renda média.

Quase a totalidade do grupo não possui meios adequados de preparar alimentos e vive sem saneamento básico.

O estudo revela que 788 milhões vivem em locais com pelo menos uma pessoa desnutrida e 568 milhões precisam caminhar mais de 30 minutos para acessarem fontes de água potável.

A UNICEF diz que há mais de 330 milhões de crianças a viverem em pobreza extrema, em todo o mundo. Mais de 90% destas residem na África subsariana ou no sul da Ásia.

Segundo a UNICEF, uma em cada seis crianças, sobrevive com menos de dois euros por dia. Dois euros, nos países mais ricos do mundo, na Europa e na América do Norte, por exemplo, não chegam sequer para comprar uma sanduíche simples e um copo de leite. Mas, para os mais de 330 milhões de menores que vivem em pobreza extrema, são tudo o que têm para se alimentarem durante um dia inteiro. Apesar de ter havido uma melhoria na última década, as consequências económicas da pandemia de covid-19, levaram a que muitas famílias deixassem de ter rendimentos e os mais novos são os mais vulneráveis, sempre que há uma diminuição do dinheiro que entra em casa. Passada a pandemia, neste momento, as guerras e as alterações climáticas são os fatores que mais contribuem para o agravar da situação. Globalmente, apesar de serem apenas um terço da população mundial, as crianças são metade dos que vivem em pobreza extrema. As crianças que vivem nos meios rurais, ou em famílias onde o pai ou a mãe não foram à escola, são as mais pobres de todos os pobres. A continuar assim, a ONU diz que a falha em erradicar a pobreza infantil é um terrível erro coletivo em termos de direitos humanos.

Segundo a UNICEF, uma em cada seis crianças, sobrevive com menos de dois euros por dia. Dois euros, nos países mais ricos do mundo, na Europa e na América do Norte, por exemplo, não chegam sequer para comprar uma sanduíche simples e um copo de leite. Mas, para os mais de 330 milhões de menores que vivem em pobreza extrema, são tudo o que têm para se alimentarem durante um dia inteiro. Apesar de ter havido uma melhoria na última década, as consequências económicas da pandemia de covid-19, levaram a que muitas famílias deixassem de ter rendimentos e os mais novos

são os mais vulneráveis, sempre que há uma diminuição do dinheiro que entra em casa. Passada a pandemia, neste momento, as guerras e as alterações climáticas são os fatores que mais contribuem para o agravar da situação. Globalmente, apesar de serem apenas um terço da população mundial, as crianças são metade dos que vivem em pobreza extrema. As crianças que vivem nos meios rurais, ou em famílias onde o pai ou a mãe não foram à escola, são as mais pobres de todos os pobres. A continuar assim, a ONU diz que a falha em erradicar a pobreza infantil é um terrível erro coletivo em termos de direitos humanos. A ONU diz que a falha em erradicar a pobreza infantil é um terrível erro coletivo em termos de direitos humanos. Segundo a UNICEF, uma em cada seis crianças, sobrevive com menos de dois euros por dia. Entre os mais de 1 bilhão de pessoas vulneráveis, 67% vivem em países de renda média.

Quase a totalidade do grupo não possui meios adequados de preparar alimentos e vive sem saneamento básico.

O estudo revela que 788 milhões vivem em locais com pelo menos uma pessoa desnutrida e 568 milhões precisam caminhar mais de 30 minutos para acessarem fontes de água potável.

A UNICEF diz que há mais de 330 milhões de crianças a viverem em pobreza extrema, em todo o mundo. Mais de 90% destas residem na África subsariana ou no sul da Ásia.

Segundo a UNICEF, uma em cada seis crianças, sobrevive com menos de dois euros por dia. Dois euros, nos países mais ricos do mundo, na Europa e na América do Norte, por exemplo, não chegam sequer para comprar uma sanduíche simples e um copo de leite. Mas, para os mais de 330 milhões de menores que vivem em pobreza extrema, são tudo o que têm para se alimentarem durante um dia inteiro. Apesar de ter havido uma melhoria na última década, as consequências económicas da pandemia de covid-19, levaram a que muitas famílias deixassem de ter rendimentos e os mais novos são os mais vulneráveis, sempre que há uma diminuição do dinheiro que entra em casa. Passada a pandemia, neste momento, as guerras e as alterações climáticas são os fatores que mais contribuem para o agravar da situação. Globalmente, apesar de serem apenas um terço da população mundial, as crianças são metade dos que vivem em pobreza extrema. As crianças que vivem nos meios rurais, ou em famílias onde o pai ou a mãe não foram à escola, são as mais pobres de todos os pobres. A continuar assim, a ONU diz que a falha em erradicar a pobreza infantil é um terrível erro coletivo em termos de direitos humanos.

Segundo a UNICEF, uma em cada seis crianças, sobrevive com menos de dois euros por dia. Dois euros, nos países mais ricos do mundo, na Europa e na América do Norte, por exemplo, não chegam sequer para comprar uma sanduíche simples e um copo de leite. Mas, para os mais de 330 milhões de menores que vivem em pobreza extrema, são tudo o que têm para se alimentarem durante um dia inteiro. Apesar de ter havido uma melhoria na última década, as consequências económicas da pandemia de covid-19, levaram a que muitas famílias deixassem de ter rendimentos e os mais novos são os mais vulneráveis, sempre que há uma diminuição do dinheiro que entra em casa. Passada a pandemia, neste momento, as guerras e as alterações climáticas são os fatores que mais contribuem para o agravar da situação. Globalmente, apesar de serem apenas um terço da população mundial, as crianças são metade dos que vivem em

pobreza extrema. As crianças que vivem nos meios rurais, ou em famílias onde o pai ou a mãe não foram à escola, são as mais pobres de todos os pobres. A continuar assim, a ONU diz que a falha em erradicar a pobreza infantil é um terrível erro coletivo em termos de direitos humanos. A ONU diz que a falha em erradicar a pobreza infantil é um terrível erro coletivo em termos de direitos humanos. Segundo a UNICEF, uma em cada seis crianças, sobrevive com menos de dois euros por dia.

Quase a totalidade do grupo não possui meios adequados de preparar alimentos e vive sem saneamento básico.

O estudo revela que 788 milhões vivem em locais com pelo menos uma pessoa desnutrida e 568 milhões precisam caminhar mais de 30 minutos para acessarem fontes de água potável.

A UNICEF diz que há mais de 330 milhões de crianças a viverem em pobreza extrema, em todo o mundo. Mais de 90% destas residem na África subsariana ou no sul da Ásia.

Segundo a UNICEF, uma em cada seis crianças, sobrevive com menos de dois euros por dia. Dois euros, nos países mais ricos do mundo, na Europa e na América do Norte, por exemplo, não chegam sequer para comprar uma sanduíche simples e um copo de leite. Mas, para os mais de 330 milhões de menores que vivem em pobreza extrema, são tudo o que têm para se alimentarem durante um dia inteiro. Apesar de ter havido uma melhoria na última década, as consequências económicas da pandemia de covid-19, levaram a que muitas famílias deixassem de ter rendimentos e os mais novos são os mais vulneráveis, sempre que há uma diminuição do dinheiro que entra em casa. Passada a pandemia, neste momento, as guerras e as alterações climáticas são os fatores que mais contribuem para o agravar da situação. Globalmente, apesar de serem apenas um terço da população mundial, as crianças são metade dos que vivem em pobreza extrema. As crianças que vivem nos meios rurais, ou em famílias onde o pai ou a mãe não foram à escola, são as mais pobres de todos os pobres. A continuar assim, a ONU diz que a falha em erradicar a pobreza infantil é um terrível erro coletivo em termos de direitos humanos.

Segundo a UNICEF, uma em cada seis crianças, sobrevive com menos de dois euros por dia. Dois euros, nos países mais ricos do mundo, na Europa e na América do Norte, por exemplo, não chegam sequer para comprar uma sanduíche simples e um copo de leite. Apesar de ter havido uma melhoria na última década, as consequências económicas da pandemia de covid-19, levaram a que muitas famílias deixassem de ter rendimentos e os mais novos são os mais vulneráveis, sempre que há uma diminuição do dinheiro que entra em casa. Passada a pandemia, neste momento, as guerras e as alterações climáticas são os fatores que mais contribuem para o agravar da situação. Globalmente, apesar de serem apenas um terço da população mundial, as crianças são metade dos que vivem em pobreza extrema. As crianças que vivem nos meios rurais, ou em famílias onde o pai ou a mãe não foram à escola, são as mais pobres de todos os pobres. A continuar assim, a ONU diz que a falha em erradicar a pobreza infantil é um terrível erro coletivo em termos de direitos humanos. A ONU diz que a falha em erradicar a pobreza infantil é um terrível erro coletivo em termos de direitos humanos. Segundo a UNICEF, uma em cada seis crianças, sobrevive com menos de dois euros por dia.

Webgrafia

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Pobreza>

<https://www.undp.org/pt/brazil/desenvolvimento-humano/publications/indice-de-pobreza-multidimensional-global-de-2023-mpi>

<https://www.worldbank.org/pt/news/press-release/2022/10/05/global-progress-in-reducing-extreme-poverty-grinds-to-a-halt>

<https://news.un.org/pt/story/2022/10/1803862>

<https://unric.org/pt/eliminar-a-pobreza/>

<https://sicnoticias.pt/mundo/2023-09-14-Mais-de-330-milhoes-de-criancas-vivem-em-pobreza-extrema-1173ed0d>